

O DESEMPENHO DO SEGMENTO EXPORTADOR
CEARENSE NO MERCADO INTERNACIONAL
NO PERÍODO 1970 A 1994



Tereza Cristina Lacerda Gomes

FORTALEZA - CEARÁ

1997



O DESEMPENHO DO SEGMENTO EXPORTADOR
CEARENSE NO MERCADO INTERNACIONAL
NO PERÍODO 1970 A 1994

C401307
FC00005441-6

Tereza Cristina Lacerda Gomes

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Mestrado em Economia Rural, do Departamento de Economia Agrícola do Centro de Ciências Agrárias, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FORTALEZA - CEARÁ - BRASIL

1997

*Aos meus pais, irmã e amigos,
pelo aprendizado de vida e apoio ao longo da
realização deste trabalho.*

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Ao professor José Newton Pires Reis, pela parceria e incentivo à realização deste estudo.

Aos professores Ricardo Chaves e Teobaldo Campos Mesquita, membros da banca examinadora do projeto de pesquisa, pelas importantes contribuições ao seu aperfeiçoamento.

Aos professores Assuêro Ferreira e Roberto Cláudio de Almeida Carvalho, membros da banca examinadora, pelas críticas e sugestões valiosas.

Aos professores Valdeci Biserra e Luiz Antônio Maciel de Paula pela colaboração ao longo da elaboração deste trabalho.

Aos professores e funcionários do Departamento de Economia Agrícola (DEA), pelos conhecimentos transmitidos e prestatividade.

A todos os colegas do curso de Mestrado em Economia Rural e amigos, pela troca de conhecimentos e experiências pessoais. Em particular a Antonio Carlos, Ana Cristina, Ana Maria, Bernadete, Eduardo Ellery, Estela, George, Hélio Carlos, Jair, Marcos, Maria do Céu, Marlene, Patrícia, Rejane e Sylvan.

Aos professores da Universidade Regional do Cariri - URCA: Luiz Felisberto, Marcos Eliano, Pedro Barros e Ronald Albuquerque, pelo incentivo e apoio ao meu aperfeiçoamento profissional.

Aos técnicos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Banco do Nordeste do Brasil, Banco Central e Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste pela disponibilidade e colaboração no levantamento de dados.

A Sra. Elisa Gradvoll e Srs. Cândido Couto, Célio Avelino, Ivan Bezerra e Marcos Gurgel, pelas informações valiosas sobre o desempenho dos segmentos produtivos cearenses.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro durante a realização deste curso.

SUMÁRIO

	Página
LISTA DE TABELAS.....	ii
LISTA DE FIGURAS.....	iii
LISTA DE TABELAS DO APÊNDICE.....	v
LISTA DE TABELAS DO ANEXO.....	vii
RESUMO.....	ix
1. <u>INTRODUÇÃO</u>	1
1.1 <u>Considerações Gerais</u>	1
1.2 <u>O Problema e sua Importância</u>	2
2. <u>OBJETIVOS DA PESQUISA</u>	4
2.1 <u>Geral</u>	4
2.2 <u>Específicos</u>	4
3. <u>METODOLOGIA</u>	5
3.1 <u>Métodos de Análise</u>	5
3.2 <u>Natureza e Fontes dos Dados</u>	11
4. <u>RESULTADOS E DISCUSSÕES</u>	13
4.1 <u>Grau de Abertura Externa da Economia Cearense</u>	13
4.2 <u>Importância Relativa dos Produtos e Setores nas Exportações do Ceará para o Mercado Internacional</u>	24
4.3 <u>Participação dos Parceiros no Valor Total das Exportações do Ceará</u>	45
4.4 <u>Influência da Taxa de Câmbio Real sobre o Valor Total das Exportações do Ceará</u>	50
5. <u>CONCLUSÕES E SUGESTÕES</u>	53
6. <u>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA</u>	57
APÊNDICES.....	62
ANEXOS.....	90

LISTA DE TABELAS

TABELA		Página
1	Ceará: Valor total das exportações, produto interno bruto e coeficiente de exportação - 1970 a 1994.....	13
2	Ceará: Produto interno bruto total e setorial - 1970 a 1992.	15
3	Ceará: Variações do PIB total e setorial - 1970 a 1994.....	17
4	Ceará: Variações do valor das exportações totais e por setores - 1970 a 1994.....	18
5	Ceará: Posição dos segmentos produtivos segundo sua participação média no valor total das exportações - 1970 a 1994.....	25
6	Participação relativa do camarão no valor das exportações do Ceará e variações anuais - 1970 a 1994.....	29
7	Variações anuais na extração da castanha de caju e em sua participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994.....	33
8	Ceará: Participação dos principais parceiros comerciais no valor total das exportações para o mercado internacional - 1985 a 1993.....	45
9	Ceará: Estimativas dos parâmetros das funções lineares do valor total das exportações e testes de significância - 1985 a 1994.....	50

LISTA DE FIGURAS

FIGURA		Página
1	Ceará: Valor total das exportações - 1970 a 1994.....	14
2	Ceará: Produto interno bruto - 1970 a 1994.....	14
3	Ceará: Produto interno bruto setorial - 1970 a 1992.....	16
4	Ceará: Coeficiente de exportação - 1970 a 1994.....	17
5	Lagosta: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994.....	26
6	Peixes: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994.....	27
7	Camarão: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994.....	28
8	Amêndoa da castanha de caju: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994.....	31
9	Líquido da castanha de caju: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994.	34
10	Cera de carnaúba: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994.....	35
11	Algodão em pluma: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994.....	37
12	Fios de algodão e poliéster: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994.....	38
13	Tecidos de algodão e fibras sintéticas: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994	40
14	Óleos vegetais: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994.....	42
15	Peles de caprinos e ovinos: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994.....	43

FIGURA		Página
16	Couros de bovinos: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994.....	44
17	Argentina, Chile, México e Paraguai: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1985 a 1993.....	46
18	Estados Unidos: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1985 a 1993.....	47
19	Canadá, Itália e Japão: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1985 a 1993.....	48
20	Alemanha e Portugal: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1985 a 1993.....	49

LISTA DE TABELAS DO APÊNDICE

TABELA	Página
A.1 Estados Unidos: Índice de preços ao atacado - 1970 a 1994	64
A.2 Estados Unidos: Índice de preços ao consumidor - 1970 a 1994	65
A.3 Ceará: Participação dos setores no PIB total - 1970 a 1992	66
A.4 Ceará: Produto interno bruto total e setorial - 1970 a 1992.	67
B.1 Ceará: Valor das exportações para o mercado internacional dos principais produtos da indústria de pesca - 1970 a 1994.....	69
B.2 Ceará: Valor das exportações para o mercado internacional dos principais produtos da indústria processadora de castanha de caju - 1970 a 1994	70
B.3 Ceará: Valor das exportações para o mercado internacional dos principais produtos da indústria têxtil - 1970 a 1994.....	71
B.4 Ceará: Valor das exportações para o mercado internacional dos principais produtos da indústria de couros - 1970 a 1994.....	72
B.5 Ceará: Valor das exportações para o mercado internacional dos principais produtos da indústria de óleos vegetais - 1970 a 1994	73
B.6 Ceará: Valor total das exportações para o mercado internacional dos principais produtos da indústria de cera de carnaúba e outros produtos - 1970 a 1994	74
C.1 Ceará: Valor das exportações segundo os principais parceiros no mercado internacional - 1985 a 1993.....	76

TABELA	Página
D.1 Índice de preços ao atacado dos principais parceiros comerciais do Ceará no mercado internacional - 1985 a 1994.....	78
D.2 Índice de preços ao consumidor de Fortaleza - IPC Geral - 1985 a 1994.....	79
E.1 Brasil: Médias anuais da taxa de câmbio nominal - 1970 a 1994 (Cr\$/U\$\$)	81
E.2 Médias anuais das taxas de câmbio nominais dos principais parceiros comerciais do Ceará no mercado internacional - 1985 a 1994.....	82
F.1 Dados básicos usados para estimação da relação entre o valor total das exportações do Ceará e as taxas de câmbio reais efetivas no período 1985 a 1994	84

LISTA DE TABELAS DOS ANEXOS

TABELA	Página
A.1 Medidas para estimular o crescimento econômico - Décadas de 70 e 80.....	92
A.2 Medidas incidentes sobre as transações comerciais no mercado internacional - Décadas de 70 e 80.....	93
B.1 Ceará: Exportações totais e produto interno bruto - 1970 a 1994.....	95
B.2 Ceará: Produto interno bruto total e setorial - 1970 a 1992.....	96
C.1 Ceará: Valor das exportações para o mercado internacional dos principais produtos da indústria de pesca - 1970 a 1994.....	98
C.2 Ceará: Valor das exportações para o mercado internacional dos principais produtos da indústria processadora de castanha de caju - 1970 a 1994	99
C.3 Ceará: Valor das exportações para o mercado internacional dos principais produtos da indústria têxtil - 1970 a 1994.....	100
C.4 Ceará: Valor das exportações para o mercado internacional dos principais produtos da indústria de couros - 1970 a 1994	101
C.5 Ceará: Valor das exportações para o mercado internacional dos principais produtos da indústria de óleos vegetais - 1970 a 1994.....	102
C.6 Ceará: Valor das exportações para o mercado internacional dos principais produtos da indústria de cera de carnaúba e de outros produtos - 1970 a 1994	103

TABELA	Página
D.1 Ceará: Valor das exportações segundo os principais parceiros no mercado internacional - 1985 a 1993.....	105
E.1 Estados Unidos: Índice de preços ao atacado - 1970 a 1994.....	107
E.2 Alemanha: Índice de preços ao atacado - 1985 a 1993.....	108
E.3 Argentina: Índice de preços ao atacado - 1985 a 1994.....	108
E.4 Canadá: Índice de preços ao atacado - 1985 a 1994.....	109
E.5 Chile: Índice de preços ao atacado - 1985 a 1994.....	109
E.6 Itália: Índice de preços ao atacado - 1985 a 1992.....	109
E.7 Japão: Índice de preços ao atacado - 1985 a 1994.....	110
E.8 México: Índice de preços ao atacado - 1985 a 1994.....	110
E.9 Paraguai: Índice de preços ao atacado - 1985 a 1991.....	110
E.10 Estados Unidos: Índice de preços ao consumidor - 1970 a 1994.....	111
E.11 Índice de preços ao consumidor de Fortaleza - IPC Geral - 1985 a 1994.....	112
F.1 Brasil: Médias anuais da taxa de câmbio nominal - 1970 a 1994 (Cr\$/US\$)	114

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar o desempenho do segmento exportador cearense no mercado internacional, no período 1970 a 1994.

Para isso, foi estimado o grau de abertura externa da economia cearense a partir do coeficiente entre o valor das suas exportações e do produto interno bruto estadual. Verificou-se a evolução do valor das exportações por produtos e por setores, bem como a importância relativa dos parceiros nas receitas das exportações do Ceará para o mercado internacional.

Investigou-se também a influência da taxa de câmbio real sobre o valor total das exportações cearenses, a partir da estimação de regressões múltiplas, utilizando o método dos mínimos quadrados ordinários.

Foram constatados baixos níveis de abertura externa da economia cearense ao mercado internacional ao longo do período 1970 a 1994.

A receita cambial concentrou-se em poucos produtos; dentre eles destacaram-se a amêndoa da castanha de caju (ACC) e a lagosta, pelas suas expressivas proporções médias.

Os segmentos produtivos que tiveram as maiores participações no valor total das exportações do Estado foram: indústria de pesca, indústria processadora de castanha de caju e indústria têxtil. No entanto, do ponto de vista tendencial, apenas o pólo têxtil apresentou crescimento no mercado internacional, enquanto os outros dois perderam importância no decorrer dos vinte e cinco anos analisados.

Foi constatada, ainda, a concentração da receita em poucos parceiros e uma forte dependência do mercado norte-americano, expressa pela significativa diferença entre a participação dos Estados Unidos e dos demais países.

A receita cambial do Ceará mostrou-se relativamente inelástica às variações nas taxas de câmbio efetivas, tendo os coeficientes parciais de determinação confirmado que o desempenho do segmento exportador cearense foi mais fortemente influenciado por outras variáveis.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Considerações Gerais

A conjuntura econômica atual, caracterizada pela globalização do comércio internacional, tem requerido dos segmentos produtivos a busca constante de maior competitividade no mercado externo com o objetivo de expandir as suas exportações. O aumento das exportações favorece as economias no alcance de maiores níveis de crescimento e de emprego.

Para o Brasil, a obtenção de superávits no balanço comercial também está fortemente associada à necessidade de aquisição de divisas que possibilitem o cumprimento das obrigações referentes à dívida externa e pagamento das importações.

A administração da taxa de câmbio possibilita a redução de incertezas quanto ao faturamento do segmento exportador e dispêndios com importações, favorecendo maiores saldos da balança comercial. Contudo, a política tarifária, a política de regulamentação das exportações e importações e a produtividade dos setores produtivos, bem como as condições de oferta e demanda no mercado internacional, também influenciam o comportamento da balança comercial.

Torna-se, portanto, fundamental conjugar política cambial com outras medidas que promovam as condições internas favoráveis ao desencadeamento de melhorias para a economia em suas transações com o exterior.

1.2. O Problema e sua Importância

Para a economia cearense em particular, apesar de não ser primordialmente voltada para o exterior, as transações no mercado externo são importantes porque as alterações no desempenho do balanço comercial refletem-se nos níveis de investimento, renda e emprego. Suas transações com o exterior podem contribuir para a dinamização do crescimento interno a partir da geração de empregos no campo e na cidade, incentivo à produção de insumos, promoção de melhorias tecnológicas e de infra-estrutura, além da geração de divisas necessárias para importação de bens de capital, insumos e matérias-primas fundamentais para a viabilização do desenvolvimento econômico.

Apesar da expansão industrial verificada no estado do Ceará nas décadas de 70 e 80, há predominância, principalmente no setor primário, de estagnação tecnológica, instrumentalização inadequada (equipamentos sucateados) e dependência de fatores aleatórios (particularmente das condições climáticas), resultando em uma grande fragilização do segmento exportador cearense. Por isso, tende a ser relativamente maior a sua dependência das políticas de governo que contribuam para melhoria do poder competitivo das exportações.

O corte dos incentivos fiscais e creditícios fornecidos pelo governo federal para as atividades produtivas voltadas para exportação tendem a se refletir numa redução do ritmo de crescimento do segmento exportador do Estado, caso esse segmento não se torne eficiente dentro de um contexto de competição globalizada.

As questões colocadas e a existência de poucos estudos sobre o segmento exportador cearense, que tratem das especificidades relacionadas às suas transações no mercado internacional, tornaram oportuna a realização desta pesquisa. Este estudo permitirá a sistematização de informações que

2. OBJETIVOS DA PESQUISA

2.1 Geral

Analisar o desempenho do segmento exportador cearense no mercado internacional no período 1970 a 1994.

2.2 Específicos

- a) Calcular o grau de abertura externa da economia cearense;
- b) Analisar a importância relativa dos produtos e setores nas exportações do Ceará para o mercado internacional;
- c) Identificar os principais parceiros do Ceará no comércio internacional, bem como suas importâncias relativas no período;
- d) Avaliar a influência da taxa de câmbio real sobre a receita de exportações do estado do Ceará.

3. METODOLOGIA

3.1. Métodos de Análise

Como instrumental básico para o alcance dos objetivos propostos foram usadas as análises tabular, gráfica e econométrica, conforme exposto a seguir.

Segundo GUERRA (1985) e BIELSCHOWSKY e STUMPO (1996), o grau de abertura externa de uma economia é mensurado pela relação entre o comércio exterior - exportações e importações - e o produto interno bruto.

Referenciando-se neste conceito, o exame do comportamento do segmento exportador cearense no comércio internacional foi feito a partir do cálculo do coeficiente de exportação, ou seja, da razão entre o valor total das exportações e o produto interno bruto:

$$I = \frac{X}{PIB} \quad (2)$$

Onde:

X = valor das exportações do Ceará, em dólares de 1980;

PIB = valor do produto interno bruto do Ceará, em dólares de 1980.

Este indicador expressa a parcela do produto interno bruto do Ceará destinada ao mercado internacional, ou seja, o grau de integração do Estado como fornecedor de bens naquele mercado.

Os dados referentes aos valores totais em dólares das exportações do Ceará foram deflacionados com o uso do índice de preços ao atacado (IPA) dos Estados Unidos. As informações referentes ao PIB estadual, em cruzeiros correntes, foram convertidas em dólares, usando-se a média anual da taxa de

câmbio (Cr\$/US\$) e deflacionadas pelo índice de preços ao consumidor (IPC) dos Estados Unidos.

As estatísticas referentes ao valor das exportações do Ceará segundo os principais produtos e parceiros, expressas em dólares, foram deflacionadas pelo IPA dos Estados Unidos.

A partir dos valores das exportações, segundo os principais produtos, foram identificados os setores com maiores participações na geração de receita cambial para o Ceará. A seguir, o comportamento das exportações cearenses por produtos foi analisado considerando-se três subperíodos: 1970 a 1979; 1980 a 1989 e 1990 a 1994. Este procedimento foi adotado com o objetivo de perceber melhor as alterações ocorridas na composição da pauta, em termos de seus principais itens.

A identificação dos principais parceiros do Ceará foi feita a partir de suas participações proporcionais no valor das exportações, verificando-se, também, o seu comportamento no período.

Para avaliar o efeito da taxa de câmbio real sobre o valor das exportações do Ceará para o exterior, adotou-se a definição de câmbio desenvolvida por DORNBUSCH (1982). Usando o contexto dos modelos de economia dependente (dependent economy model) e relacionando os preços dos bens domésticos (non-tradables) aos dos bens comercializáveis (tradables), o referido autor expressa a taxa de câmbio real pela equação:

$$TCR = \frac{E * P_t}{P_n} \quad (3)$$

Onde:

TCR = taxa de câmbio real;

E = taxa nominal de câmbio (dólar ou cesta de moedas);

P_t = índice de preços externos dos bens comercializáveis;

P_n = índice de preços dos bens domésticos.

Segundo DORNBUSCH (1982), a taxa de câmbio real efetiva corresponde ao custo "médio" das divisas, determinado pelo número de moedas estrangeiras escolhidas para o conjunto e o peso dado a cada uma delas. Comumente usam-se de quinze a vinte moedas para compor a "cesta".

A equação (3) "... assume que a arbitragem internacional determina os preços dos bens comercializáveis externamente. Assume ainda, como hipótese, que economias dependentes como a brasileira, não são suficientemente grandes *vis-à-vis* ao resto do mundo para influenciarem, significativamente, os preços externos" (ROCHA e TEIXEIRA, 1995, p. 203). Assim, os preços domésticos desses produtos tendem a igualar-se aos seus preços no exterior convertidos pela taxa de câmbio nominal.

A partir da equação (3), utilizando-se diferentes índices de preços como proxies para os bens comercializáveis externamente (tradables), o índice de preços ao consumidor em Fortaleza para os bens domésticos (non-tradables) e diferentes composições para as cestas de moedas, foram calculadas taxas de câmbio reais efetivas.

Obtiveram-se as Taxas de Câmbio Reais Efetivas, $TCR(EF)$, por meio da seguinte expressão:

$$TCR(EF)_t = \sum \frac{W_{it} * E_{it} * IPA_{it}}{IPC(CE)_t} \quad (4)$$

Onde:

W_{it} = peso relativo do *iésimo* país importador no valor das exportações do Ceará no ano t ;

E_{it} = média anual da taxa de câmbio nominal, cotação de venda, entre o cruzeiro e a moeda do *iésimo* país importador no ano t ;

IPA_{it} = média anual do índice de preços ao atacado ou sua *proxy* no *i*ésimo país importador no ano *t* ;

$IPC(CE)_t$ = média anual do índice de preços ao consumidor em Fortaleza no ano *t* .

Diante da inexpressividade da participação relativa da maioria dos parceiros do Ceará no valor total de suas exportações, foram selecionadas para compor a cesta usada no cálculo da $TCR(EF)$ apenas as moedas de oito países entre os principais importadores.

Utilizaram-se *proxies* do IPA para a Alemanha, Canadá e Chile, em virtude de não se ter acesso aos dados referentes a este índice nas publicações nacionais e internacionais consultadas. No caso da Alemanha e do Canadá foram usados, respectivamente, o índice de preços de produtos industriais - *Prices: Industrial Products* - e o índice de preços de venda da indústria - *Prices: Industry Selling* -, já que se identificou seu uso como *proxy* em Boletim do BACEN. Para o Chile usou-se o índice de preços dos bens domésticos e importados - *Prices: Home & Import Goods* - sob a argumentação de que se constitui fonte de informações sobre preços de venda por atacado, colocada na publicação *International Financial Statistics* do FMI, jun/76.

Para a obtenção das médias anuais das taxas de câmbio bilaterais dos principais parceiros comerciais do Ceará no mercado externo, foram convertidas para cruzeiros de 1980 as suas cotações diárias de vendas, expressas em moeda corrente. A seguir, foram calculadas as médias mensais e anuais.

Finalmente, para verificar a influência da taxa de câmbio real sobre a receita de exportações do Ceará, ajustou-se pelo método de mínimos quadrados ordinários o seguinte modelo econométrico:

$$\ln R_t = \beta_0 + \beta_1 \ln TCR(EF)_{jt} + \beta_2 T_t + E_t \quad (5)$$

Onde:

$\ln R_t$ = logaritmo natural do valor das exportações do Ceará, em dólares de 1980, no ano t ;

β_0 = intercepto;

β_1, β_2 = coeficientes estimados da regressão;

$\ln TCR(EF)_{jt}$ = logaritmo natural da média da taxa de câmbio real efetiva j no ano t , em dólares de 1980;

$j = (1, 2, 3, 4 \text{ e } 5)$, expressando cinco diferentes composições para a cesta de moedas;

T_t = tendência, medida em anos ($t = 1, 2, \dots, n$);

E_t = erro aleatório associado à estimação, suposto ser distribuído normalmente, com média zero e variância constante.

Análises anteriores - PITI (1976), PARENTE (1990) e ALMEIDA (1993) - sugerem a utilização da equação na forma logarítmica, sob argumentação de que permite um melhor ajustamento dos dados e a obtenção direta do coeficiente de elasticidade-câmbio, mantendo-se para a variável tendência os seus valores observados.

Quanto aos sinais dos coeficientes β_1 e β_2 , espera-se que sejam positivos, já que se pressupõe a existência de relação direta entre as variáveis independentes e a receita de exportações.

Alterações do câmbio real tendem a afetar o valor das exportações, já que se refletem nos preços de transferência para os países importadores. Um aumento na taxa de câmbio real significa uma maior cotação dos bens comercializáveis em relação aos domésticos, expressa em moeda do país exportador. Esta maior cotação, por sua vez, resulta em deslocamento de fatores de produção para o setor de bens exportáveis, promovendo aumento da escala de produção e, conseqüentemente, de produtividade. Com isso, há possibilidade de o segmento exportador colocar o produto no mercado

internacional a preços menores em divisas externas, mantendo o preço em moeda nacional. A redução dos preços em divisas externas torna os produtos mais competitivos, tendendo a favorecer uma maior receita cambial.

Pressupõe-se que a variável tendência expressa a influência de variáveis como população mundial e renda real *per capita* nos países importadores, cujas variações afetam de forma direta as exportações.

A análise do poder explicativo do modelo foi feita pelo coeficiente de determinação ajustado (\bar{R}^2), que permitiu a identificação do percentual das oscilações ocorridas na variável dependente associado ao conjunto de variáveis independentes. Para se conhecer o grau de associação entre o valor das exportações do Ceará e cada uma das variáveis explicativas foram calculados os coeficientes parciais de correlação. Estes expressam quais as proporções das variações na variável dependente que são explicadas pela taxa de câmbio e tendência, individualmente, ou seja, qual o poder explicativo de cada uma dessas variáveis.

A partir do teste "t" de Student verificou-se a significância estatística dos coeficientes estimados, considerando-se um nível de significância de 5%.

A utilização de séries temporais requereu a verificação da ocorrência de quebra do pressuposto de ausência de autocorrelação entre os erros, que foi feita através do teste de ordenação casual¹, não paramétrico, usado porque as amostras obtidas possuíam dez observações ou menos, não permitindo o uso do teste de Durbin Watson.

¹ Procedimentos para aplicação do teste de ordenação casual são apresentados em HOFFMAN (1980) e DRAPER e SMITH (1966).

3.2. Natureza e Fontes dos Dados

Utilizaram-se neste estudo dados secundários, cujas séries temporais sumarizadas estão apresentadas nos anexos.

O período selecionado para análise compreendeu os anos de 1970 a 1994. Adotou-se 1980 como data-base para padronização dos dados devido ao conhecimento de que neste ano não houve significativas oscilações nas principais divisas internacionais. Segundo ROCHA e TEIXEIRA (1995, p. 208), foi um "...ano razoavelmente 'neutro' em termos do alinhamento das principais divisas internacionais". ZINNI (1991) e LOCATELLI e SILVA (1991) também utilizaram 1980 como ano-base para cálculo de taxa de câmbio real sob argumentação semelhante.

Foram extraídos das publicações Boletim Conjuntural - Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE, 1995) e Revista da Economia do Ceará (1983) os dados referentes ao produto interno bruto e valores das exportações do Ceará. Junto à Fundação Instituto de Planejamento do Ceará (IPLANCE) obtiveram-se os valores das exportações por produtos, grupos e parceiros e o IPC de Fortaleza, sendo este último extraído também da Conjuntura Econômica (Fundação Getúlio Vargas), para completar a série.

Das publicações International Financial Statistics, do Fundo Monetário Internacional - FMI (vários números) e Suplemento Estatístico do Banco Central - BACEN (1995) extraíram-se os índices de preços ao atacado dos oito principais parceiros comerciais do Ceará e o IPC dos Estados Unidos.

Foram consideradas, ainda, como fontes complementares, as informações obtidas em entrevistas realizadas pela autora junto a profissionais

e empresários atuantes nos segmentos que apresentaram os maiores níveis de inserção no mercado internacional ao longo do período analisado. Buscou-se extrair destes informantes a identificação dos fatores que influenciaram de modo mais expressivo o desempenho de cada segmento.

4.1. Qualidade de vida

Os dados referentes ao Índice de Qualidade de Vida (IDV) nos anos 1970-1984 foram obtidos a partir do trabalho desenvolvido e verificado por (1) TABELA 1 e (2) TABELA 2.

TABELA 1 - Índice de Qualidade de Vida (IDV) - Brasil - 1970-1984

Ano	IDV
1970	100
1971	100
1972	100
1973	100
1974	100
1975	100
1976	100
1977	100
1978	100
1979	100
1980	100
1981	100
1982	100
1983	100
1984	100
1985	100
1986	100
1987	100
1988	100
1989	100
1990	100
1991	100
1992	100
1993	100
1994	100

Fonte: (1) TABELA 1 e (2) TABELA 2

Em termos de qualidade de vida...

FIGURA 2 - apresentação de dados...

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. Grau de Abertura Externa da Economia Cearense

A relação entre o valor das exportações e do PIB do Ceará, entre os anos 1970 a 1994, apresentou um decréscimo de 72,31%, conforme pode ser verificado a partir do coeficiente de exportação (TABELA 1).

TABELA 1 - Ceará: Valor total das exportações, produto interno bruto e coeficiente de exportação - 1970 a 1994

(Valores em US\$ de 1980)

Ano	EXPORTAÇÕES ¹ (x)	PRODUTO INTERNO BRUTO ² (PIB)	X/PIB
1970	138.540.803,90	1.308.946.520,00	0,10584
1971	115.195.662,42	1.676.131.280,00	0,06873
1972	154.427.636,04	1.815.215.990,00	0,08507
1973	167.363.799,64	2.511.563.390,00	0,06664
1974	172.799.798,45	2.563.108.800,00	0,06742
1975	116.594.403,44	2.674.693.010,00	0,04359
1976	131.085.647,13	3.330.829.770,00	0,03936
1977	144.320.321,15	3.625.454.770,00	0,03981
1978	184.446.780,12	4.010.776.630,00	0,04599
1979	201.269.116,64	4.281.393.000,00	0,04701
1980	156.223.683,00	4.039.537.970,00	0,03867
1981	158.617.256,49	4.069.245.520,00	0,03898
1982	139.881.394,05	4.404.812.030,00	0,03176
1983	146.922.576,95	2.963.283.350,00	0,04958
1984	175.930.116,97	3.571.908.760,00	0,04925
1985	188.136.564,51	3.469.150.910,00	0,05423
1986	177.489.239,60	4.028.892.780,00	0,04405
1987	199.706.624,88	4.321.370.790,00	0,04621
1988	219.271.806,46	5.026.696.520,00	0,04362
1989	175.074.041,30	7.248.517.370,00	0,02415
1990	176.749.221,92	6.836.507.850,00	0,02585
1991	206.884.503,10	5.831.514.890,00	0,03548
1992	230.961.676,93	5.504.088.140,00	0,04196
1993	212.463.192,93	5.726.475.250,00	0,03710
1994	247.202.851,76	8.433.985.650,00	0,02931

FORNTE: (1) TABELA B.1, ANEXO e TABELA A.1, APÊNDICE.

(2) TABELA B.1, ANEXO e TABELA A.2 e E.1, APÊNDICE.

Em termos absolutos, tanto as exportações (FIGURA 1) quanto o PIB (FIGURA 2) apresentaram tendências crescentes ao longo do período 1970 a

1994. No entanto, o produto interno bruto apresentou um maior ritmo de crescimento.

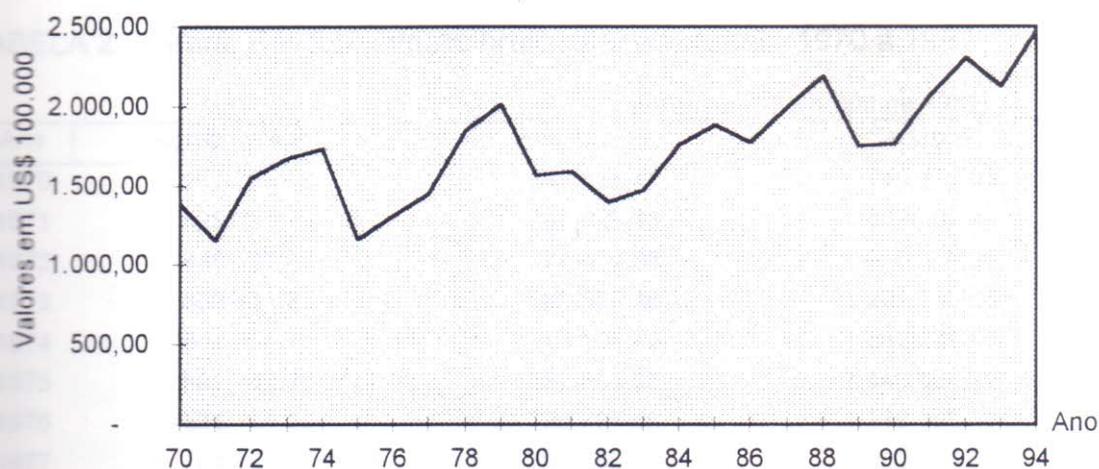


FIGURA 1 - Ceará: Valor total das exportações - 1970 a 1994
 FONTE: Derivada da Tabela 1.

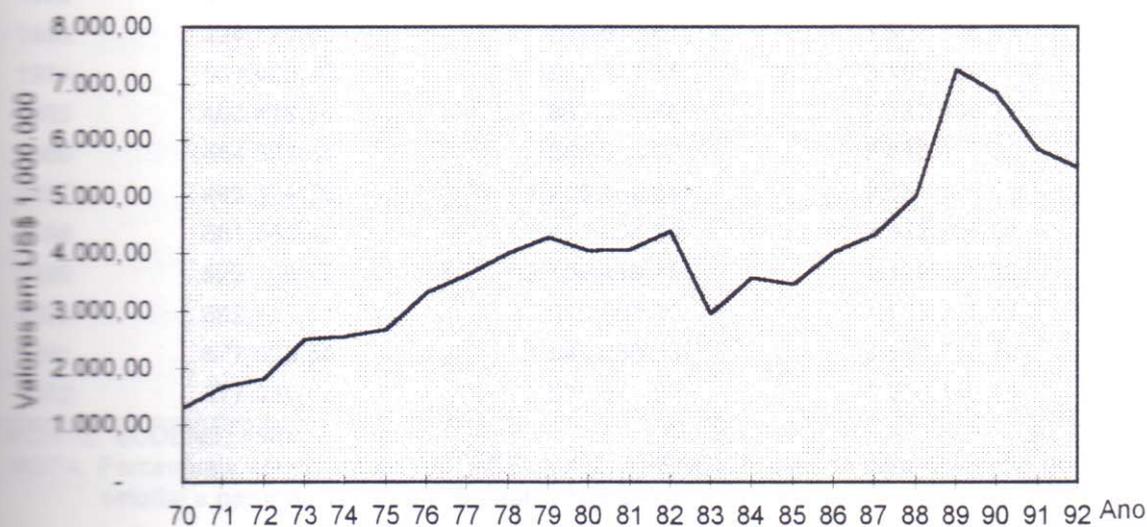


FIGURA 2 - Ceará: Produto interno bruto - 1970 a 1994
 FONTE: Derivada da Tabela 1.

Enquanto as exportações aumentaram 78,43% ao longo do período, o PIB cresceu 544,33%. Este expressivo crescimento do PIB resultou, principalmente, da expansão dos setores industrial e de serviços, que

equivaleram, respectivamente, a 379,44% e 350,70%, entre 1970 e 1992. Deste modo, foi compensado o decréscimo de 72,38% do PIB agropecuário verificado nesse mesmo período, como pode ser verificado a partir dos dados da TABELA 2.

TABELA 2 - Ceará: Produto interno bruto total e setorial - 1970 a 1992

(Valores em US\$ 1.000 de 1980)			
Ano	Agropecuário	Industrial	Serviços
1970	218.724,96	349.881,40	740.471,05
1971	525.299,54	347.629,63	803.202,11
1972	480.487,67	374.479,06	960.249,26
1973	806.211,85	503.568,46	1.201.783,08
1974	664.614,11	546.198,49	1.352.039,89
1975	581.745,73	652.892,56	1.440.054,72
1976	823.714,20	726.787,06	1.779.995,43
1977	764.245,87	898.750,24	1.962.458,67
1978	752.020,62	1.014.726,49	2.244.029,52
1979	810.467,69	1.018.971,53	2.451.953,77
1980	607.546,51	1.029.678,23	2.402.313,23
1981	516.387,26	1.014.869,83	2.537.988,43
1982	570.423,16	1.090.190,98	2.744.197,89
1983	228.172,82	833.571,61	1.901.538,93
1984	537.929,46	878.689,55	2.155.289,75
1985	463.478,56	867.981,56	2.137.690,79
1986	464.531,34	885.953,52	2.678.407,92
1987	443.804,78	1.216.465,88	2.661.100,13
1988	581.086,12	1.413.004,39	3.032.606,01
1989	822.706,72	2.106.419,15	4.319.391,50
1990	662.457,61	2.019.504,42	4.155.229,47
1991	677.038,88	1.540.686,23	3.613.789,78
1992	377.030,04	1.576.921,25	3.550.136,85

FONTE: SUDENE, 1994.

NOTA: Percentuais apresentados na TABELA A.2, APÊNDICE usados para obtenção do PIB setorial a partir do valor do PIB total, TABELA 1.

Contudo, foi setor de serviços que influenciou mais fortemente o comportamento do PIB estadual no período, pelo seu maior ritmo de crescimento. Entre os anos 1970 e 1974, época em que o Estado se beneficia do "milagre brasileiro", o setor agropecuário manteve-se em segundo lugar na composição do PIB, sendo alcançado pela indústria em 1975, devido aos incentivos fiscais do Fundo de Investimentos do Nordeste - FINOR e à

estagnação da agricultura. Pela representação gráfica, percebe-se nitidamente que, do ponto de vista tendencial, o setor agropecuário manteve-se estagnado ao longo do período de 1970 a 1994 (FIGURA 3).

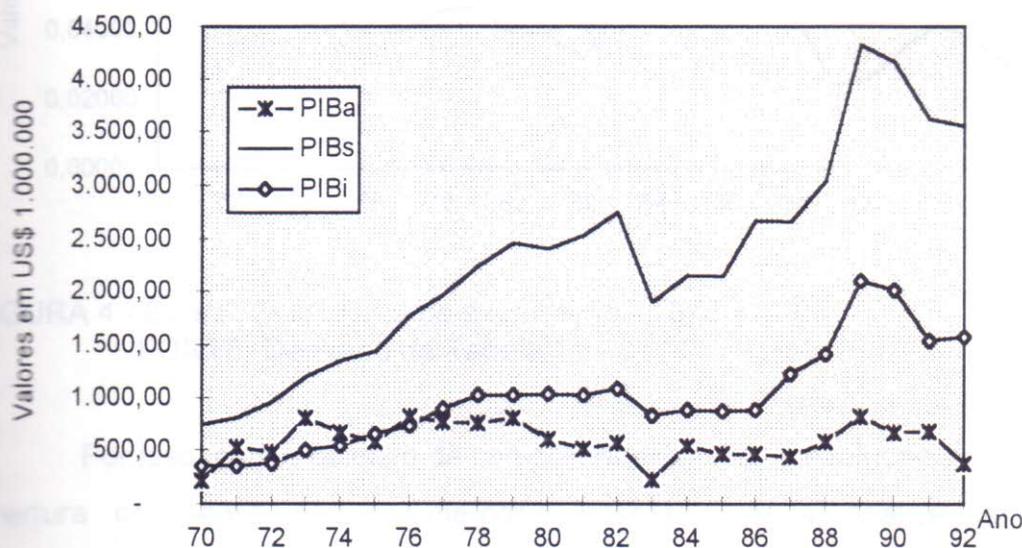


FIGURA 3 - Ceará: Produto interno bruto setorial - 1970 a 1992

FONTE: Derivada da Tabela 2.

A estagnação do segmento agropecuário contribuiu para que fosse destinada uma menor parcela do PIB do Ceará ao mercado internacional, já que sua pauta de exportações apresentou forte concentração em produtos de origem primária com pequeno grau de beneficiamento (a discussão sobre a composição da pauta encontra-se no item 4.2.). Este desempenho do produto agropecuário refletiu-se, ainda, em um menor ritmo de crescimento do setor industrial, pela sua dependência de matérias-primas oriundas da agricultura, pesca e pecuária.

Contudo, o comportamento do coeficiente de exportação sugere a ocorrência de subperíodos característicos de queda: 1970/76; 1979/82; 1985/89 e 1992/94; e de aumento: 1976/79; 1982/85 e 1989/92 (FIGURA 4).

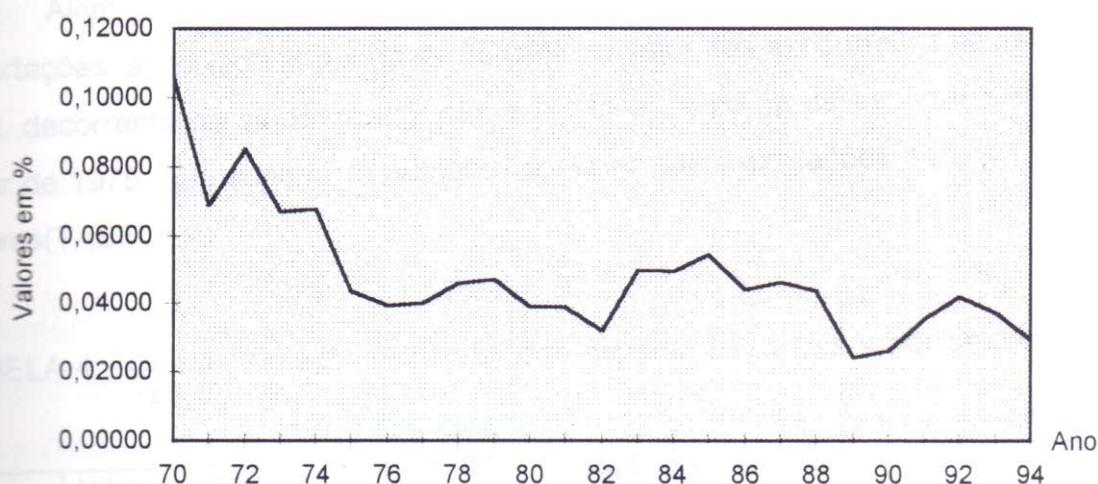


FIGURA 4 - Ceará: Coeficiente de exportação - 1970 a 1994

FONTE: Derivada da Tabela 1.

Por isso, com o objetivo de compreender melhor a evolução do grau de abertura do Ceará para o mercado internacional, a análise foi feita considerando-se a relação entre os desempenhos do PIB e do valor das exportações em cada subperíodo.

No subperíodo compreendido entre 1970 e 1976, houve um expressivo crescimento do PIB, igual a 154,47%, favorecido pela expansão dos setores agropecuário (276,60%) e industrial (107,72%), que se beneficiaram com os incentivos da SUDENE (TABELA 3).

TABELA 3 - Ceará: Variações do PIB total e setorial - 1970 a 1994

(Valores em %)

Período	Agropecuária	Indústria	Serviços	Total
1970/76	276,60	107,72	140,39	154,47
1976/79	-1,61	40,20	37,75	28,54
1979/82	-29,62	6,99	11,92	2,88
1982/85	-18,75	-20,38	-22,10	-21,24
1985/89	77,51	142,68	102,06	108,94
1989/92	-54,17	-25,14	-17,81	-24,07
1992/94	SI	SI	SI	53,23

FONTE: Tabelas 1 e 2.

NOTA: Cálculos da autora. SI = sem informação.

Além disso, verificou-se um decréscimo de 5,38% no valor total das exportações, associado à queda de 88,08% no valor das exportações do setor têxtil, decorrente da saída do algodão em pluma da pauta de exportações² a partir de 1975, que superou o aumento do valor das exportações dos demais setores (TABELA 4).

TABELA 4 - Ceará: Variações do valor das exportações totais e por setores - 1970 a 1994

(Valores em %)

Período	Indústria de pesca	Indústria de castanha de caju	Indústria de óleos vegetais	Indústria têxtil	Indústria de couros	Indústria de cera carnaúba	Outros produtos	Valor total
1970/76	98,71	49,83	-15,07	-88,08	30,36*	8,84	54,56	-5,38
1976/79	51,87	121,82	-7,33	18,51	NH	-7,93	70,63	53,54
1979/82	-17,33	-16,00	NH	159,54	**	-41,94	-81,30	-30,50
1982/85	-12,56	75,21	NH	9,39	-49,66	-26,05	239,27	34,50
1985/89	-38,72	-10,59	NH	51,97	148,63	35,59	-20,68	-6,94
1989/92	40,97	26,25	NH	91,05	-59,87	28,76	22,88	31,92
1992/94	12,96	-28,96	NH	-8,81	42,10	-4,90	142,64	7,03

FONTES: TABELAS B.1 a B.6, APÊNDICE. Cálculos da autora.

* variação correspondente ao período 1970/72, pois a partir de 1973 não houve exportações.

NH = não houve exportações.

** nesse período houve exportações apenas em 1982.

Conjugados, o crescimento do PIB e a redução do valor das exportações do Ceará resultaram em um coeficiente de exportação decrescente entre os anos de 1970 e 1976.

No subperíodo 1976 a 1979 houve uma pequena recuperação do coeficiente de exportação (Figura 4), decorrente da elevação de 53,54% do valor das exportações, que superou o crescimento do PIB, igual a 28,54%.

Quanto ao produto interno bruto, todos os segmentos apresentaram um desempenho inferior ao verificado no período anterior. A indústria e o setor

² As causas da saída do algodão da pauta de exportações serão discutidas no item 4.2.

de serviços tiveram crescimentos menores, respectivamente iguais a 40,20% e 37,75%. O segmento agropecuário, por sua vez, passou de uma taxa positiva igual a 276,60% no período anterior para uma taxa de variação negativa de 1,61% (Tabela 3).

Além disso, as exportações foram favorecidas pela expansão do número de indústrias processadoras de castanha de caju, que permitiu uma maior produção dos seus derivados: amêndoa da castanha de caju (ACC) e líquido da castanha de caju (LCC). O choque de oferta no mercado mundial de ACC, resultante da saída de Moçambique³, em meados da década de 70, contribuiu para uma maior demanda do produto cearense e maior cotação da ACC no mercado internacional. Com isso, verificou-se um aumento de 121,82% no valor das exportações desta indústria (Tabela 4).

Houve, ainda, recuperação do valor das exportações da indústria têxtil, que cresceu 18,51% entre 1976 e 1979, pela introdução, em 1975, do produto fios de algodão e poliéster na pauta de exportações do Ceará. A melhoria de desempenho das indústrias processadora de castanha de caju e têxtil, que ocupavam o primeiro e quarto lugares entre os segmentos com maior participação média no valor das exportações do Ceará na década de 70, compensou o decréscimo de 7,93% no valor das exportações da indústria de cera, que ocupou no mesmo período o terceiro lugar.

Entre 1979 e 1982, o PIB estadual apresentou uma menor taxa de crescimento em relação ao período anterior, igual a 2,88%. Quanto ao desempenho dos setores, verificou-se que a ocorrência de seca em todos esses anos desencadeou uma queda de 29,62% no PIB agropecuário. No entanto, a indústria e o setor de serviços com suas taxas de crescimento iguais a 6,99% e 11,92%, respectivamente, conseguiram evitar que o PIB estadual apresentasse uma taxa negativa.

³ Segundo LEITE (1994, p. 109), nessa época Moçambique colhia 42% da produção mundial de castanha de caju.

O valor total das exportações decresceu 30,50% nesses anos, apesar da expressiva recuperação da indústria têxtil, quarto lugar entre os principais segmentos exportadores na década de 70, que cresceu 159,54%. Constituíram-se em fatores determinantes do decréscimo do valor das exportações o desempenho dos segmentos: pesqueiro, indústria processadora de castanha de caju e indústria de cera de carnaúba, que tiveram suas receitas de exportações reduzidas em 17,33%, 16% e 41,94%, respectivamente. Embora estas reduções, em conjunto, tenham sido menores que a expansão do setor têxtil em termos absolutos, foram suficientes para comprometer o seu efeito positivo, já que na época os três ocupavam as primeiras posições entre os principais segmentos exportadores do Ceará.

A conjugação do crescimento do PIB com a redução do valor das exportações promoveu decréscimo do coeficiente de exportação entre os anos de 1979 e 1982, expressando menores parcelas do produto interno bruto destinadas ao mercado internacional (Figura 4).

No subperíodo compreendido entre 1982 e 1985 o PIB decresceu 21,24%, em decorrência de o produto agropecuário continuar decrescendo devido ao prolongamento do período seco até o ano de 1983. Adicionalmente, a indústria⁴ também foi afetada pela menor disponibilidade de matéria-prima no Estado.

Contudo, o decréscimo do produto dos segmentos agropecuário e industrial (18,75% e 20,38%, respectivamente) não comprometeu a recuperação das exportações da indústria processadora de castanha de caju⁵, cujo valor passou de uma taxa negativa igual a 16,0% para uma taxa positiva

⁴ Segundo Sr. Ivan Bezerra, presidente da Têxtil Bezerra de Menezes e empresário atuante há mais de 30 anos no setor têxtil, em entrevista concedida à autora em 19.11.96, esse setor não teve sua expansão comprometida pelas oscilações na produção estadual de matéria-prima pelas facilidades de adquiri-la em outros estados produtores.

⁵ Entre 1982 e 1985, a extração da castanha de caju decresceu 33,58% (Tabela 7), mas não comprometeu as exportações dessa indústria, porque os preços da amêndoa da castanha de caju no mercado internacional encontravam-se muito atraentes.

de 75,21% (Tabela 4). Esta melhoria no seu desempenho contribuiu para um aumento de 34,50% no valor total das exportações do Ceará.

Da relação entre PIB decrescente e valor das exportações crescente resultou o crescimento dos níveis de abertura externa da economia cearense entre os anos 1982 e 1985 (Figura 4).

De 1985 a 1989, houve uma recuperação do PIB em torno de 108,94%, em função do crescimento de todos os segmentos produtivos (Tabela 2). A expansão do produto agropecuário decorrente de menor incidência de seca (apenas no ano de 1987) favoreceu um maior crescimento da indústria. Contudo, o aumento do produto industrial, em particular do setor têxtil, contava com um moderno parque industrial implantado pelo Programa Têxtil Integrado do Ceará - PROVIN, lançado em 1977 e executado pelo Governo do Estado em parceria com a SUDENE, Banco do Nordeste e empresários⁶.

O valor total das exportações, por sua vez, decresceu 6,94%, devido aos desempenhos inferiores da indústria processadora de castanha de caju e da indústria de pesca, que tiveram reduzidos os valores de suas exportações nesses anos em 10,59% e 38,72%. Para a indústria processadora de castanha de caju, os fatores determinantes para este desempenho foram: o declínio da produção da matéria-prima, desencadeado pela ocorrência de um ano de seca (1987), conjugado ao esgotamento do sistema extensivo adotado; a queda da cotação internacional do produto cearense em função de sua menor qualidade, resultante da mecanização no setor de beneficiamento, significando a obtenção de um menor número de amêndoas inteiras.

Adicionalmente, houve uma redução do valor das exportações de outros produtos, que passou de uma taxa positiva de 239,27% no subperíodo anterior para uma taxa negativa igual a 20,68%. Este desempenho indica que

⁶ Detalhes sobre o PROVIN serão citados no item 4.2.

nesse período aumentou a concentração das exportações, e com isso a importância do desempenho dos setores com maior participação proporcional, entre os quais se destacaram as indústrias processadora de castanha de caju e de pesca - que ocupavam, na década de 80, respectivamente a primeira e a segunda posições entre os principais segmentos exportadores do Estado.

O aumento de 148,63% no valor das exportações da indústria de couros não foi suficiente para alterar o desempenho do valor total das exportações do Ceará, porque nesta década ele ocupava o quinto lugar entre os principais segmentos voltados para o mercado internacional (item 4.2).

O desempenho descendente do valor das exportações, associado ao crescimento do PIB, resultou num coeficiente de exportação decrescente nos anos de 1985 a 1989.

Entre 1989 e 1992 verificou-se um decréscimo do PIB, desencadeado por um desempenho inferior de todos os segmentos produtivos. O produto agropecuário decresceu 54,17%, devido à escassez de chuvas nos anos 1990 e 1992, refletindo-se sobre a indústria, em virtude da menor disponibilidade de matéria-prima no Estado. A indústria teve o seu produto reduzido em 25,14% e o setor de serviços, em 17,81% (Tabela 3).

Nesses anos, apesar da queda do PIB agropecuário, houve uma elevação do valor das exportações da indústria processadora de castanha de caju (26,25%) e do setor pesqueiro (40,97%). Estes desempenhos contribuíram para um aumento de 31,92% do valor total das exportações (Tabela 4).

Da relação entre o PIB decrescente e exportações crescentes, resultou um subperíodo característico de crescimento do nível de abertura externa da economia cearense (Figura 4).

O último subperíodo, compreendido entre 1992 e 1994, caracterizou-se por ser o único em que houve um comportamento diferenciado para o valor

total das exportações e para o coeficiente de exportação, ou seja, enquanto as exportações cresceram verificou-se queda do coeficiente.

Nesses anos, o valor total das exportações apresentou um menor crescimento em relação ao período anterior, equivalente a 7,03%. Este desempenho foi verificado devido ao decréscimo do valor das exportações de 28,96%, para a indústria processadora da castanha de caju, e 8,18% para o setor têxtil, e a um menor crescimento das indústrias de pesca e de couros (Tabela 4).

O PIB, por sua vez, apresentou uma expressiva recuperação e passou de uma taxa negativa de 24,07% em 1992 para uma taxa positiva de 53,23% em 1994.

Finalmente, o que se verifica da discussão acima é que houve uma pequena participação do Estado do Ceará no comércio mundial, devido ao pequeno poder competitivo da maioria dos segmentos produtivos. Apesar de as exportações concentrarem-se em setores nos quais a economia cearense apresenta vantagens comparativas tradicionais, verifica-se a inexistência de planejamento direcionado para o segmento exportador. Este fato é evidenciado pelo descaso com um padrão mínimo de qualidade dos produtos, pela concentração das exportações em produtos com reduzido valor adicionado e, principalmente, pela instabilidade das exportações que, em grande parte, flutuam de acordo com o comportamento climático da região, os níveis de produtividade dos setores produtivos e as condições de oferta de outros países produtores no mercado internacional.

comportamento

considerando-se

Agrupando

verificou-se

TABELA 5

4.2. Importância Relativa dos Produtos e Setores nas Exportações do Ceará para o Mercado Internacional

A pauta de exportações do Ceará, entre 1970 e 1994, foi composta por uma grande diversidade de produtos. Porém, somente uma pequena parcela apresentou participação significativa na renda total gerada pelo segmento exportador. Por isso, neste trabalho especificaram-se apenas as participações individuais dos principais produtos, que são todos oriundos do setor primário e, em conjunto, apresentaram uma participação média equivalente a 82,91% no período analisado.

Entre os anos de 1970 e 1979, destacaram-se como principais produtos exportados pelo Ceará para o mercado internacional: algodão em pluma, fios de algodão e poliéster, amêndoa da castanha de caju, líquido da castanha de caju, peles de caprinos e ovinos, lagosta, peixes, cera de carnaúba, óleos de mamona, oiticica e babaçu (SANTOS, 1983).

Contudo, o comportamento das exportações do Ceará resultou, no início da década de 80, em alterações dos principais itens, que, segundo tabulação especial do IPLANCE, foram: fios de algodão e poliéster, tecidos de algodão e fibra sintética, amêndoa da castanha de caju, líquido da castanha de caju, peles de caprinos e ovinos, couros curtidos, lagosta, peixes, camarão e cera de carnaúba.

Em virtude dessas alterações, e com o objetivo de perceber melhor o comportamento recente da composição da pauta, a análise foi feita considerando-se três subperíodos: 1970 a 1979; 1980 a 1989 e 1990 a 1994.

Agrupando-se os produtos segundo a indústria processadora, verificou-se nos subperíodos analisados a ordenação apresentada na TABELA 5.

TABELA 5 - Ceará: Posição dos segmentos produtivos segundo sua participação média no valor total das exportações - 1970 a 1994

Período/ Segmento	1970/79		1980/89		1990/94	
	(%)	Posição	(%)	Posição	(%)	Posição
Indústria de Pesca	22,48	1	23,37	2	17,31	3
Indústria do Caju	19,12	2	42,43	1	36,43	1
Indústria de Cera	15,25	3	6,81	4	6,95	4
Indústria Têxtil	11,33	4	11,66	3	18,18	2
Indústria de Óleos	10,15	5	-	-	-	-
Indústria de Couros	1,91	6	3,19	5	3,02	5

FONTE: TABELAS B.1 a B.6, APÊNDICE, onde estão discriminados os produtos exportados por cada segmento. Cálculos da autora.

A indústria de pesca iniciou a década de 70 com 800 barcos, número que se ampliou para 1.200 em 1975. O aumento do número de embarcações disponíveis foi o fator de maior influência para o crescimento de sua participação no valor das exportações do Ceará (TABELA B.1, APÊNDICE e Tabela 1) e seu posicionamento em primeiro lugar entre os segmentos voltados para o mercado internacional (Tabela 5).

Nessa década, os produtos exportados foram lagosta e peixes. Os incentivos promovidos pelos governos federal e estadual favoreceram um aumento de suas participações no valor das exportações ao longo da década de 70. No caso da lagosta, esse incremento significou passar de 12,75% para 24,29% do valor das exportações do Ceará (FIGURA 5).

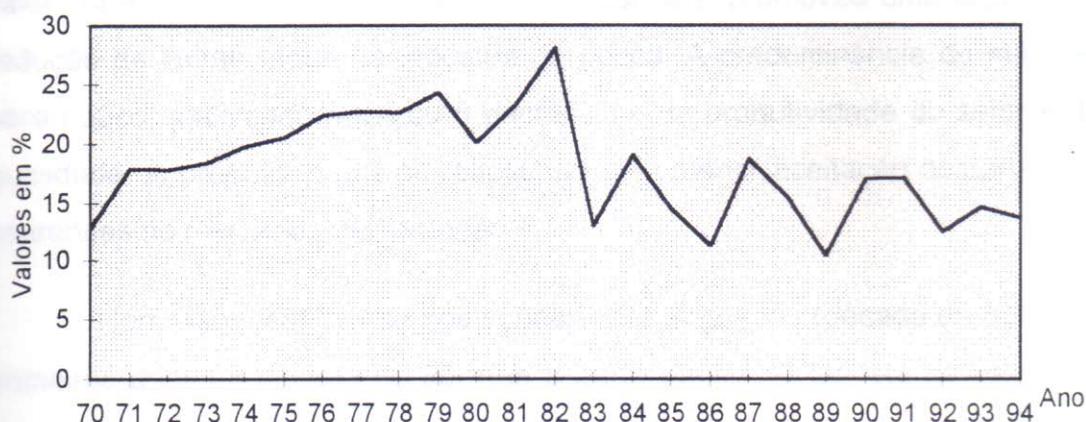


FIGURA 5 - Lagosta: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994

FONTE: Derivada da Tabela B.1, APÊNDICE e Tabela 1.

Segundo a Sra. Elisa Gradvoll, presidente do Sindicato das Indústrias de Pesca⁷, entre os incentivos que favoreceram as exportações dos produtos da indústria de pesca, destacaram-se: crédito-prêmio dos impostos sobre produtos industrializados (IPI) e sobre circulação de mercadorias (ICM) incidentes sobre as compras de insumos, máquinas e equipamentos⁸; cartão 674, que permitiu a concessão de direito a financiamento, fornecido pelo BACEN, equivalente a 15% do incremento anual do valor das exportações; isenção de ICMS sobre as exportações e ressarcimento às empresas exportadoras do valor equivalente a 30% dos gastos totais com óleo diesel, efetuado pela Secretaria da Fazenda Estadual.

No entanto, a sucessiva redução e corte dos incentivos de crédito e fiscais ao longo da década de 80 veio comprometer a expansão da atividade pesqueira. À medida que não havia a necessária substituição das embarcações, verificou-se queda de produtividade que, conjugada ao aumento dos custos decorrente do corte do ressarcimento, pelo Governo Estadual, do

⁷ Em entrevista concedida a autora em 13.11.96.

⁸ O crédito-prêmio consistia no ressarcimento do valor correspondente ao imposto incidente sobre estas compras para as empresas exportadoras.

valor correspondente à aquisição de combustíveis, promoveu uma expressiva redução da lucratividade da indústria da pesca. A predominância de mão-de-obra pouco qualificada reforçou o decréscimo da produtividade do setor e da qualidade do produto, o que se refletiu em uma menor aceitação dos produtos cearenses no mercado internacional.

Com isso, verificou-se nos subperíodos seguintes (década de 80 e nos primeiros anos da década de 90) que a participação da lagosta no valor das exportações do Ceará começou a decrescer (Figura 5). Mesmo assim, a participação anual da lagosta no valor das exportações cearenses resultou em uma contribuição média, ao longo dos anos 1970 a 1994, igual a 17,92%, e o segundo lugar entre os principais produtos.

A participação do item "peixes" no valor das exportações do Ceará, em todos os três subperíodos analisados, variou no mesmo sentido que o verificado para a lagosta, embora apresentando oscilações mais acentuadas (FIGURA 6), sendo influenciada pelos mesmos fatores já citados.

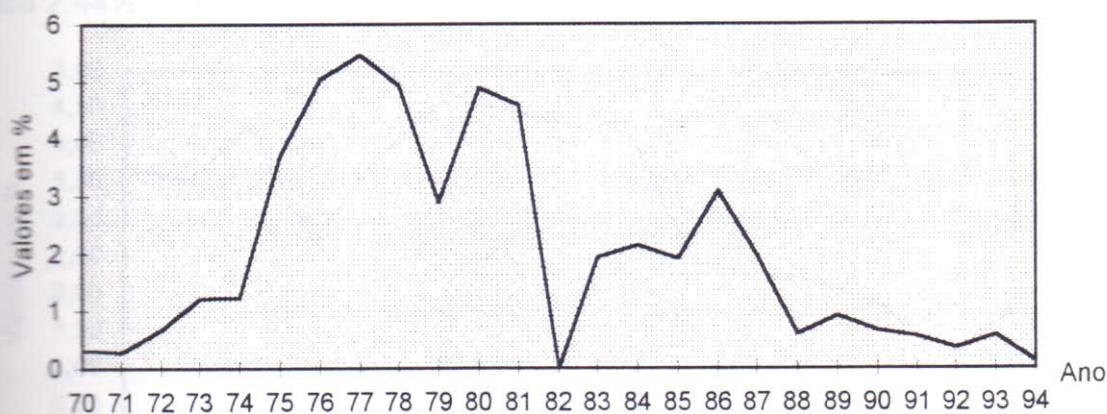


FIGURA 6 - Peixes: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994

FONTE: Derivada da Tabela B.1, APÊNDICE e Tabela 1.

Na década de 70, verificou-se um crescimento equivalente a 769,70% e ao longo da década de 80 e nos primeiros anos da década seguinte reduções equivalentes a 81,35% e 81,45%, respectivamente. A contribuição

média do item "peixes", nos vinte e cinco anos analisados, foi de 2,0% no valor total das exportações cearenses, o que lhe conferiu a nona posição, entre os produtos exportados.

O camarão foi introduzido em 1980 na pauta de exportações, destacando-se nesse mesmo ano como um dos seus principais itens. Isto resultou do fato de as empresas do setor pesqueiro terem sido beneficiadas com a promoção de financiamento para a construção de novas embarcações. Este financiamento, fornecido pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BIRD), Banco Nacional de Crédito Cooperativo (BNCC) e Superintendência de Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE), permitiu às maiores empresas de pesca do Ceará⁹, em conjunto, construir cinquenta novos barcos e instalarem filiais em Belém (PA), deslocando a mão-de-obra cearense para aquele centro produtor.

Apesar da boa instrumentalização da pesca do camarão (embarcações novas), não se conseguiu evitar que ao longo da década de 80 sua participação no valor total das exportações do Ceará decrescesse de 3,71% para 2,44% (FIGURA 7).

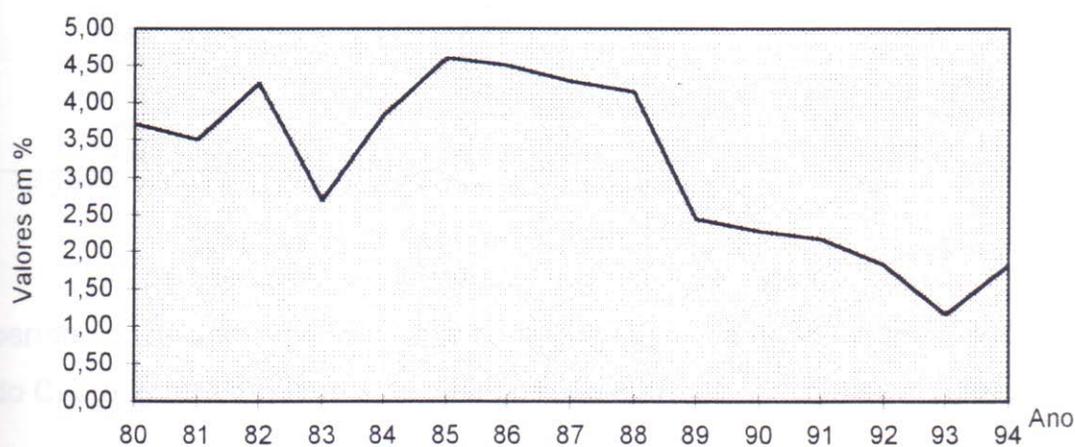


FIGURA 7 - Camarão: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994

FONTE: Derivada da Tabela B.1, APÊNDICE e Tabela 1.

⁹ Empresa de Pesca (EMPESCA), Indústria de Navegação (INAVE), INTERFRIOS e Pesca Alto Mar.

O desgaste e o conseqüente sucateamento das embarcações disponíveis, bem como a não ocorrência de sua reposição em número suficiente provocaram queda da produtividade, reforçando o comprometimento das exportações de camarão, também afetadas pelos cortes de incentivos às atividades direcionadas ao mercado externo, principalmente o subsídio ao óleo diesel fornecido pelo governo estadual. Com isso, nos cinco primeiros anos da década de 90 o item "camarão" teve uma redução de 80,62% em sua participação no valor total das exportações do Ceará, como pode ser constatado a partir dos dados da TABELA 6.

TABELA 6 - Participação relativa do camarão no valor total das exportações do Ceará e variações anuais - 1980 a 1994

Ano	Valores Percentuais	Variação Anual (%)
1980	3,71	
1981	3,50	-5,66
1982	4,27	22,00
1983	2,69	-37,00
1984	3,84	42,75
1985	4,60	19,79
1986	4,49	-2,39
1987	4,29	-4,45
1988	4,14	-3,50
1989	2,44	-41,06
1990	2,27	-6,97
1991	2,17	-4,41
1992	1,82	-16,13
1993	1,17	-35,71
1994	1,83	56,41

FONTE: Tabela B.1, APÊNDICE e Tabela 1. Cálculos da autora.

A participação do camarão, apenas nos últimos quinze anos do período analisado, significou uma contribuição média no valor das exportações do Ceará igual a 1,89% e a décima posição entre os principais produtos.

O desempenho por produtos significou para a indústria de pesca, ao longo do período analisado, a perda de posições entre os principais segmentos voltados para o mercado internacional. Essa indústria, entre 1980 e 1989, teve sua participação no valor total das exportações do Ceará reduzida e passou do primeiro lugar ocupado na década de 70 para o segundo (Tabela

O não restabelecimento dos incentivos, conjugado às deficiências do setor, resultaram na continuação da perda de competitividade da atividade pesqueira. Assim, nos cinco primeiros anos da década de 90, verificou-se, novamente, o decréscimo da sua contribuição nas exportações do Ceará, de 23,37% para 17,31% (Tabela 5), o que resultou na terceira posição entre os segmentos exportadores do Estado.

A indústria de pesca, apesar de ser prioritariamente voltada para o mercado internacional¹⁰, ao longo do período 1970 a 1994 teve reduzida a sua contribuição para a abertura externa da economia cearense. Este desempenho resultou do fato de a atividade pesqueira no Ceará apresentar limitações como: impossibilidade de conter a pesca predatória, falta de tecnologia e mão-de-obra qualificada, sucateamento das embarcações e altos preços dos insumos. Estas limitações, conjugadas à inexistência de incentivos que minimizem seus reflexos sobre o setor, comprometeram o poder competitivo dos seus produtos, principalmente se forem considerados os padrões internacionais, o que se refletiu em decréscimo de suas exportações.

Tratando-se das exportações da indústria processadora de castanha de caju para o mercado internacional, verificou-se na década de 70 um expressivo aumento em seu valor, igual a 232,35% (TABELA B.2, APÊNDICE). O desempenho dessa indústria foi determinado basicamente pelas oscilações do valor das exportações da amêndoa da castanha de caju (ACC), seu principal produto destinado ao mercado internacional (FIGURA 8).



¹⁰ Segundo a Sra. Elisa Gradhvoll, já citada, cerca de 80% da produção da indústria de pesca destina-se à exportação para o mercado internacional.

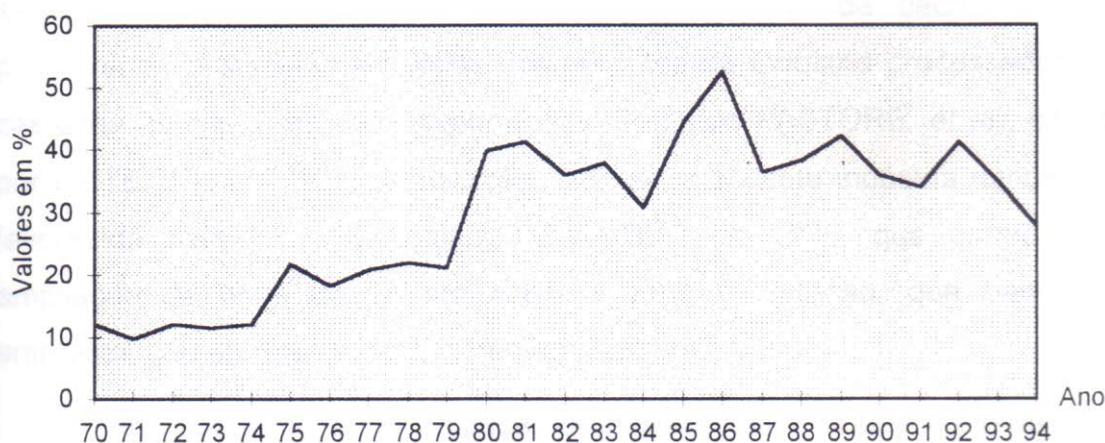


FIGURA 8 - Amêndoa da castanha de caju: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994

FONTE: Derivada da Tabela B.2, APÊNDICE e Tabela 1.

Com o apoio da SUDENE, através de financiamentos, expandiram-se ao longo da década de 70 a produção de caju e o número de indústrias beneficiadoras (OLIVEIRA, 1990).

Nos três primeiros anos dessa década, Moçambique era o principal produtor e exportador de ACC. Em meados dos anos 70, os conflitos internos desencadearam uma guerra civil naquele país, comprometendo seu desempenho nos segmentos agrícola e industrial, o que resultou num choque de oferta no mercado mundial da ACC e na elevação dos seus preços (LEITE, 1994).

Com isso, os demais exportadores de ACC puderam expandir seus mercados. No caso do Ceará, as exportações foram favorecidas também pelos incentivos fiscais e financeiros promovidos pelo governo federal. Verificou-se, entre 1970 e 1979, um aumento da participação proporcional da amêndoa da castanha de caju no valor das exportações do Ceará igual a 175,92%.

Em função da conjuntura favorável, " ... ocorreu a disseminação do processo de mecanização para praticamente todo o parque industrial processador de castanha do Nordeste" (LEITE, 1994, p. 110). Esse processo

se deu no Ceará durante toda a segunda metade da década de 70, promovendo o aumento da oferta dos produtos da indústria processadora de castanha de caju e de suas exportações. Segundo PASTORE, *et alii*, citados por LEITE (1994, p. 107), a inserção internacional desta indústria também foi favorecida pela " ... Resolução 353-BACEN, de 1975, que promoveu a ampliação da linha de crédito especial para exportação, que beneficiou empresas que apresentassem incremento em suas vendas".

Por outro lado, a mecanização promoveu queda da qualidade da ACC, verificando-se no final da década de 70 para a indústria brasileira um índice de obtenção de amêndoas inteiras igual a 35-45%, enquanto Índia e Moçambique, seus principais concorrentes, apresentavam índices equivalentes a 75-80% (sistema manual) e 60% (sistema mecanizado), respectivamente. Com a queda da qualidade do produto, ocorreu a partir de 1979 uma mudança do tipo W450 (característico da oferta indiana) para o W320 (mais comum ao produto brasileiro) na cotação de preços da ACC nas bolsas de mercadorias (LEITE, 1994).

Do lado da oferta de matéria-prima, o modelo extensivo de produção adotado começou a dar sinais de esgotamento. Devido à aplicação de recursos em áreas impróprias ao cultivo e sistemas de exploração com baixos níveis tecnológicos, a produção estadual inicia uma fase descendente. Porém, apesar de a década de 80 ser marcada por uma menor extração da castanha de caju (TABELA 7) e pela redução da qualidade da ACC, verificou-se um aumento de 6,16% da sua participação no valor das exportações (TABELA B.2 do APÊNDICE B e Tabela 1). Isso porque os incentivos às exportações e a crescente demanda externa reforçaram a priorização do mercado internacional.

TABELA 7 - Variações anuais na extração da castanha de caju e em sua participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994

Ano	Produção		Participação no valor das exportações	
	Valor em Kg (1)	Variação (%)*	Valor (%)* (2)	Variação (%)*
1970	10.702.000		11,96	
1971	17.991.000	68,11	9,70	-18,90
1972	18.772.000	4,34	11,98	23,51
1973	19.553.000	4,16	11,41	-4,76
1974	15.150.000	22,52	12,12	6,22
1975	8.916.000	-41,15	21,81	79,95
1976	11.272.000	26,42	18,37	-15,77
1977	14.587.000	29,41	20,88	13,66
1978	10.714.000	-26,55	21,93	5,03
1979	8.436.000	-21,26	21,04	-4,06
1980	7.065.000	-16,25	39,78	89,07
1981	6.637.000	-6,06	41,37	4,00
1982	6.025.000	-9,22	35,83	-13,39
1983	2.685.000	-55,44	37,89	5,75
1984	3.571.000	33,00	30,72	-18,92
1985	4.002.000	12,07	44,21	43,91
1986	3.268.000	-18,34	52,53	18,82
1987	3.171.000	-2,97	36,24	-31,01
1988	2.643.000	16,65	38,35	5,82
1989	1.807.000	31,63	42,23	10,12
1990	1.607.000	11,07	35,89	-15,01
1991	1.470.000	-8,53	34,05	-5,13
1992	1.266.000	-13,88	41,38	21,53
1993	2.242.700	77,15	34,91	-15,64
1994	6.876.600	206,62	27,79	-20,40

FONTE: (1)IPLANCE, 1995. (2) Tabela B.2, APÊNDICE e Tabela 1.

* Cálculos da autora.

Devido aos fatores já citados, verificou-se entre os anos 1990 e 1994 um decréscimo de 22,57% da participação da ACC no valor total das exportações do Ceará.

Considerando-se a participação média da ACC no valor das exportações do Estado em todo o período, igual a 29,37%, coube a este produto a primeira posição dentre os principais itens na pauta de exportações do Ceará.

O líquido da castanha de caju apresentou um expressivo aumento de sua participação no valor das exportações, igual a 761%, ao longo da década de 70. Este comportamento foi favorecido por uma demanda internacional crescente. Contudo, a extinção ou redução de alguns de seus usos retraiu a demanda do LCC e, com isso, sua participação no valor das exportações do

Ceará foi reduzida em 43,29% na década seguinte, acentuando-se este decréscimo para 78,46% nos primeiros anos da década de 90 (FIGURA 9).

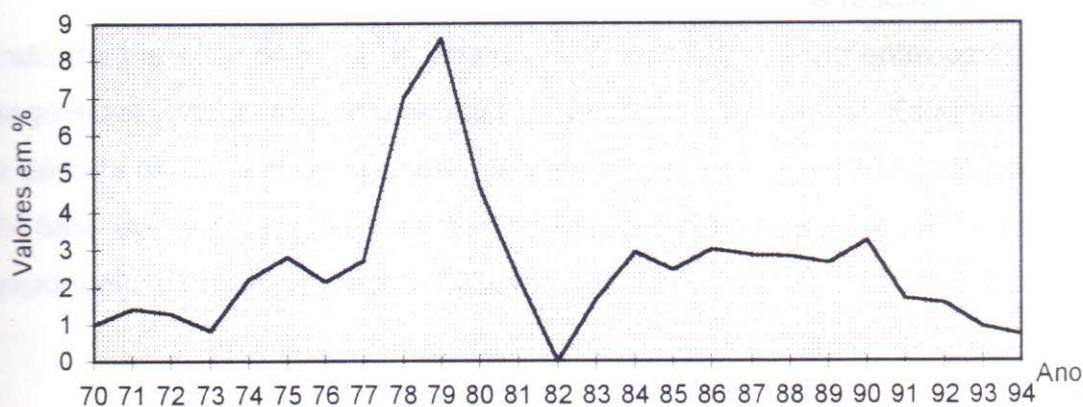


FIGURA 9 - Líquido da castanha de caju: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994
 FONTE: Derivada da Tabela B.2, APÊNDICE e Tabela 1.

Este desempenho significou para o produto uma participação média no valor das exportações do Ceará equivalente a 2,53% e a sexta posição entre os principais itens da pauta.

A indústria processadora de castanha de caju, apesar de apresentar um menor crescimento das suas exportações na década de 80, o que significou um incremento de 1,01% na sua participação no valor das exportações cearenses, ainda assegurou a melhoria de sua posição entre os cinco principais segmentos exportadores (de segundo para primeiro lugar). Isso ocorreu porque para os demais segmentos produtivos foram verificadas taxas decrescentes e negativas do valor das exportações, destacando-se o setor pesqueiro, que ocupava a primeira posição nessa década.

Nos primeiros cinco anos da década de 90, mesmo com o decréscimo de sua contribuição para as exportações do Ceará para o mercado internacional, a indústria processadora de castanha de caju assegurou a

posição alcançada nos anos 80 (Tabela 5). Favoreceu este desempenho o fato de ter se mantido o comportamento decrescente da participação da indústria de pesca, segunda colocada na década de 80.

A evolução das exportações da cera de carnaúba resultou para a sua indústria beneficiadora, na década de 70, a terceira posição entre os principais segmentos produtivos voltados para o mercado internacional. Este item iniciou a década de 70 com a segunda maior participação por produto, equivalente a 14,59% do valor das exportações cearenses, favorecida pelos incentivos à exportação de manufaturados (FIGURA 10).

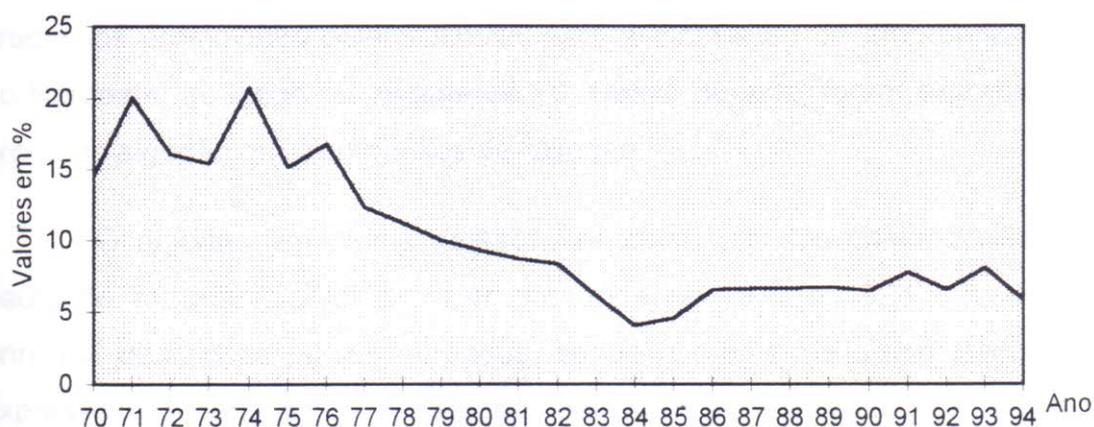


FIGURA 10 - Cera de carnaúba: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994

FONTE: Derivada da Tabela B.6, APÊNDICE e Tabela 1.

Contudo, à medida que foram extintos alguns de seus usos - entre os quais se destaca a sua utilização como matéria-prima para a produção de papel carbono e de ceras para assoalho - verificou-se o arrefecimento de sua demanda. Essa situação foi provocada pelo surgimento de substitutos, que passaram a apresentar demanda crescente, como a máquina copiadora e outras ceras para assoalho. A menor demanda, conjugada à baixa qualidade

da cera de carnaúba exportada pelo estado do Ceará, promoveu quedas em sua participação no valor das exportações. Nos três subperíodos analisados, estes decréscimos corresponderam a 30,98%, na década de 70; 27,45% na década de 80 e 9,74% nos cinco primeiros anos da década seguinte.

O comportamento das exportações de cera de carnaúba ao longo do período analisado determinou para o produto uma contribuição média no valor total das vendas do Ceará para o exterior equivalente a 10,21% e colocou-a em terceiro lugar, em termos de importância relativa de produtos. Quanto ao desempenho da indústria, passou a ocupar, nas décadas de 80 e 90, o quarto lugar entre os segmentos voltados para o mercado internacional.

A indústria têxtil cearense foi bastante favorecida pelos incentivos creditícios promovidos pela SUDENE para a instalação de empreendimentos no Nordeste, ao longo da década de 70. Nessa década, foram exportados os produtos algodão em pluma e fios de algodão.

O algodão em pluma destacou-se como um dos principais itens na pauta de exportações no decorrer dos anos de 1970 a 1974 e teve como principal destino os países europeus, sendo a Alemanha o importador mais expressivo. A partir de 1975 o algodão deixou de ser exportado, em virtude de a produção estadual ter sido absorvida pelo mercado interno. O seu retorno inexpressivo à pauta de exportações em 1978, equivalente a 0,32% do valor das exportações do Ceará, foi consequência da retração da demanda interna conjugada a preços externos mais atraentes¹¹ (FIGURA 11).

¹¹ Informações concedidas pelo Sr. Ivan Bezerra, já citado.

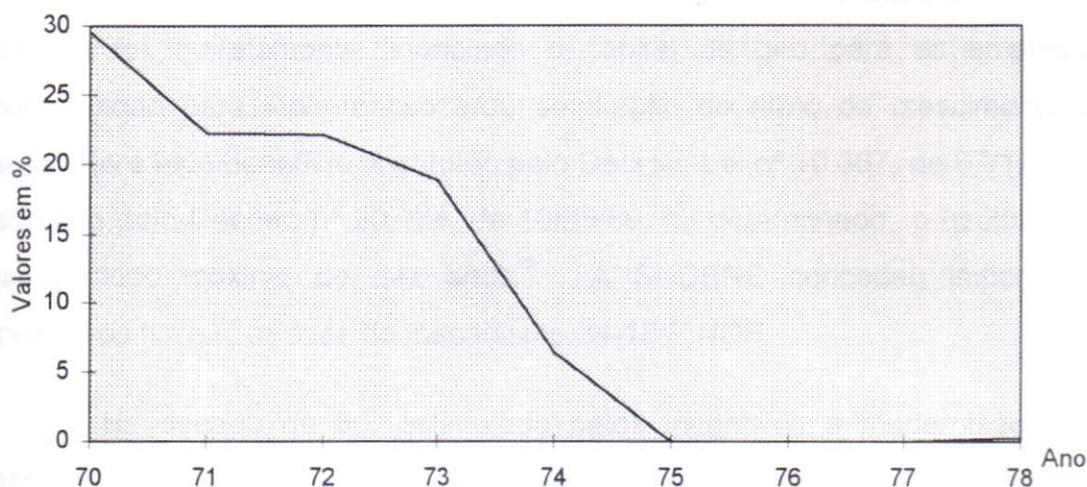


FIGURA 11 - Algodão em pluma: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994

FONTE: Derivada da Tabela B.3, APÊNDICE e Tabela 1.

Em 1979, o algodão em pluma deixou novamente de figurar entre os principais itens da pauta de exportação. Isso ocorreu em virtude de o segmento produtor da matéria-prima, cujo desempenho vinha sendo negativamente afetado pelas condições climáticas¹², ter priorizado a partir de 1977 o abastecimento da indústria têxtil cearense, em fase de expansão. Apesar desse desempenho, as participações anuais do algodão em pluma de 1970 a 1974 proporcionaram-lhe a quinta posição entre os principais produtos, ao longo do período analisado.

Um fator que contribuiu para que a produção de algodão fosse destinada prioritariamente ao mercado interno foi o lançamento, em 1977, do Programa Têxtil Integrado do Estado do Ceará, promovido a partir da ação conjunta de empresários, Governo Estadual, Banco do Nordeste do Brasil - BNB e SUDENE. Desse programa resultou a implementação pelo Governo do Estado do Programa de Vitalização da Indústria - PROVIN/Fundo de Desenvolvimento Industrial - FDI, instituindo a carência de 3 anos para

¹² Os sucessivos anos de seca: 1976, 1979, 1980, 1981, 1982, 1983, 1987 e a praga do bicudo, a partir de 1985, contribuíram para a predominância de taxas negativas de variação da produção de algodão.

pagamento de 60% do ICMS incidente sobre as vendas da indústria. Com esta medida foi indiretamente financiado o capital de giro para as empresas, contribuindo para manutenção e/ou ampliação do ritmo de crescimento do setor. Para este benefício, instituído pelo Decreto-Lei nº 10.367, de 07/12/79, e alterado pelo Decreto nº 20.074, de 10/05/89, foi determinado o usufruto por um período máximo de dez anos¹³. A SUDENE concedeu importantes incentivos fiscais, através do mecanismo 34-18/FINOR.

Na década de 80, estimulada pelos incentivos à modernização do parque industrial nordestino, a indústria têxtil continuou ampliando sua capacidade produtiva. As medidas direcionadas à promoção das exportações implementadas pelo governo federal (TABELA A.1, ANEXO) conjugadas a uma maior demanda externa, tornaram bastante atrativas as vendas de fios de algodão para o exterior. Este produto já vinha se destacando entre os principais produtos a partir de 1975 (FIGURA 12).

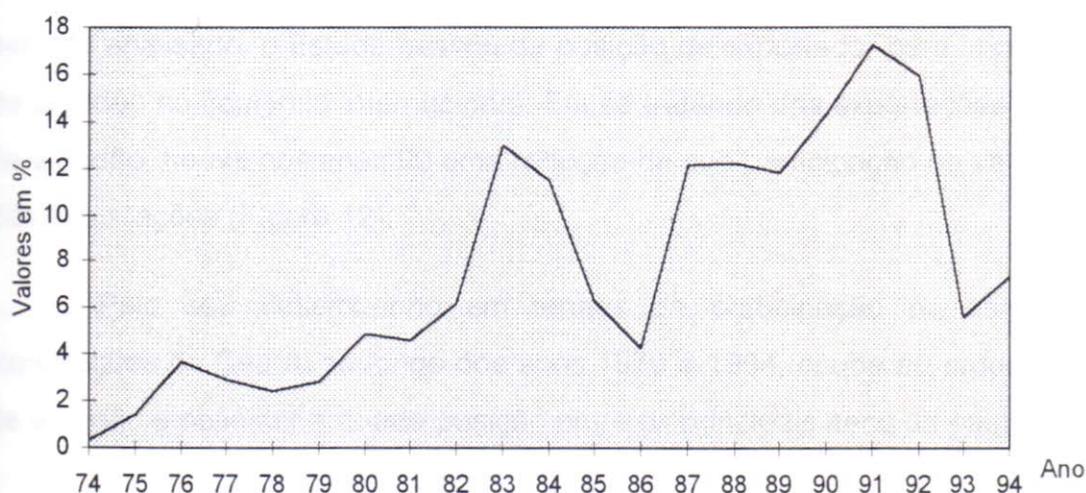


FIGURA 12 - Fios de algodão e poliéster: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994

FONTE: Derivada da Tabela B.3, APÊNDICE e Tabela 1.

¹³ Segundo o Sr. Marcos Antônio Gurgel Moreira, secretário executivo do Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem em Geral no Estado do Ceará, em entrevista concedida à autora em 20.11.96.

Diante da insuficiente produção estadual e estimulada pelos incentivos às exportações de manufaturados, a indústria têxtil cearense intensificou suas importações de matéria-prima nos demais estados produtores¹⁴ para assegurar a continuidade do crescimento das exportações de fios de algodão entre 1980 e 1989 (Figura 12). Com isso, a participação deste produto no valor das exportações cearenses passou de 4,89% para 11,82%, de 1980 a 1989, com o Ceará tornando-se o principal fornecedor desta matéria-prima para o mercado europeu a partir de 1981.¹⁵

Em 1991, reduziu-se para a indústria têxtil nacional a dependência da produção interna de matéria-prima, já que as suas condições de compra no exterior passaram a ser mais atrativas, em decorrência da implementação da política de liberação de importações pelo governo Collor. Baixas taxas de importação, crédito subsidiado e prazo de 60 dias para pagamento das compras efetuadas no exterior, com juros de 8% ao ano, contribuíram para reforçar a mudança da posição do Ceará no mercado externo. No decorrer do período analisado, o Estado passou da posição de exportador para importador de algodão no comércio internacional. Em se tratando das exportações de fios de algodão, houve nos anos 90 uma redução de sua participação no valor total das exportações (Figura 12).

Pelo seu desempenho em termos de participação no valor das exportações do Ceará, ao longo dos anos 1970 a 1994, coube ao produto fios de algodão e poliéster a quarta posição entre os principais itens da pauta.

O desempenho dos produtos algodão em pluma e fios de algodão e poliéster durante a década de 70 resultou para a indústria têxtil a quarta posição entre os segmentos voltados para o mercado internacional (Tabela 5).

¹⁴ No Brasil, conta-se com três safras anuais de algodão: de fevereiro a maio, em São Paulo e Paraná; de abril a julho, em Mato Grosso do Sul; e de julho a novembro, nos estados do Nordeste.

¹⁵ Segundo o Sr. Ivan Bezerra, já citado.

A partir de 1980, os tecidos de algodão e fibras sintéticas passaram a integrar o grupo dos principais produtos da pauta de exportações do Ceará, apresentando, nessa década, um comportamento relativamente estável (FIGURA 13).

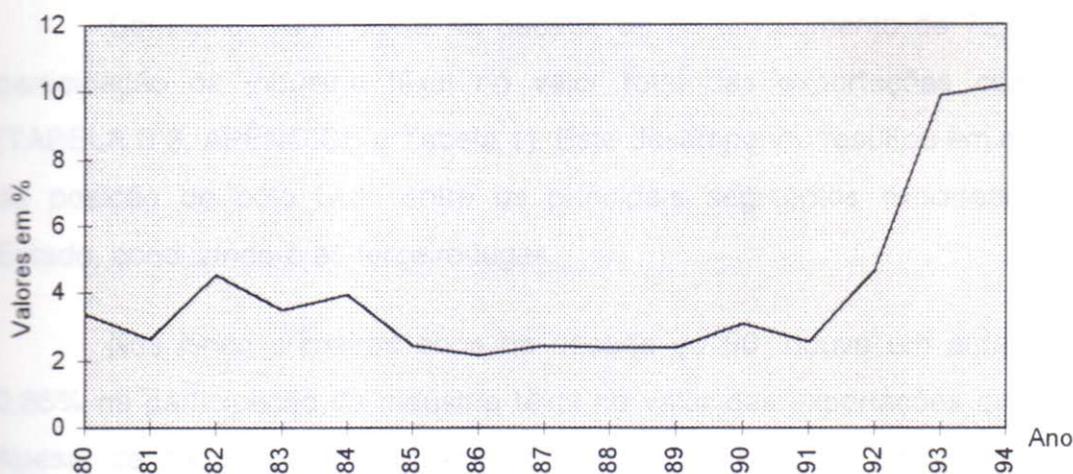


FIGURA 13 - Tecidos de algodão e fibras sintéticas: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994
 FONTE: Derivada da Tabela B.3, APÊNDICE e Tabela 1.

Nos anos de 1992 a 1994, o produto apresentou suas maiores participações anuais no período analisado. Esse desempenho resultou da crescente demanda externa de produtos da indústria têxtil cearense, estimulada pela melhoria da competitividade de seus produtos, promovida pela modernização deste setor. A contribuição média em torno de 2,41% representou para os tecidos de algodão, no período analisado, a sétima posição entre os produtos em destaque.

O setor têxtil, apesar de não ser prioritariamente voltado para o mercado externo, aumentou no período analisado a sua contribuição para a inserção do Estado no comércio internacional. Este desempenho foi favorecido pelo fato de os incentivos de crédito, conjugados à execução do Programa Têxtil Integrado do Ceará, terem viabilizado a modernização deste segmento

industrial¹⁶, que associada à possibilidade de obtenção de matéria-prima a baixos custos - em outros estados e no exterior, neste último particularmente a partir de 1991 - impediram que as suas exportações fossem comprometidas pela instabilidade da produção estadual.

Com isso, verificou-se na década de 80 um aumento de 72,69% da participação da indústria têxtil no valor total das exportações cearenses (TABELA B.3, APÊNDICE e Tabela 1). Este desempenho resultou em melhoria da posição do pólo têxtil entre os principais segmentos exportadores do Estado, conduzindo-o ao terceiro lugar.

Nos cinco primeiros anos da década de 90, houve um aumento de 0,86% na participação da indústria têxtil no valor das exportações do Ceará. Apesar de pequeno, este incremento significou a segunda posição entre os segmentos voltados para a exportação, porque quase todos os demais setores apresentaram uma queda em sua participação (Tabela 5).

Outro fator que contribuiu para o bom desempenho das exportações do setor têxtil para o mercado internacional foi o diferimento¹⁷ no imposto sobre importação de algodão em pluma, que ao reduzir os custos de produção favoreceu a competitividade dos produtos cearenses.

O segmento produtor de óleos vegetais ocupou na década de 70 a quinta posição entre os seis principais segmentos exportadores do Ceará, pela sua participação média de 10,15% no valor das exportações estaduais (Tabela 5). Foram exportados os óleos vegetais de mamona, oiticica e babaçu (FIGURA 14).

¹⁶ Da parceria entre os órgãos governamentais e empresários envolvidos no programa, resultou a implementação de um pólo têxtil, concebido a partir de projetos rigorosamente analisados, os quais incluíram desde a adequada instrumentalização tecnológica e organizacional dos empreendimentos até a formação da mão-de-obra envolvida em sua execução.

¹⁷ Segundo o Sr. Marcos Antônio Gurgel Moreira, já citado, o termo diferimento refere-se à diferenciação na alíquota do imposto de importação do algodão em pluma em relação aos demais produtos importados.

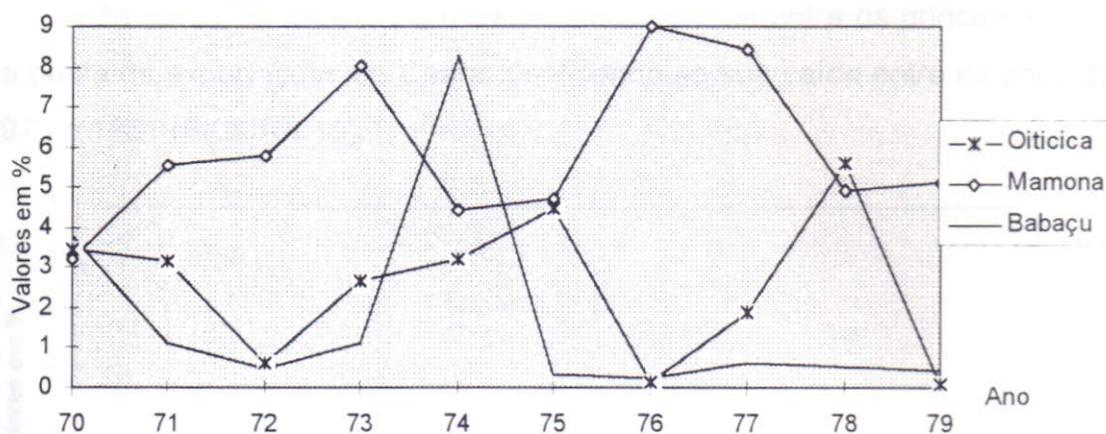


FIGURA 14 - Óleos vegetais: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994

FONTE: Derivada da Tabela B.5, APÊNDICE e Tabela 1.

Verificou-se a saída destes produtos da pauta de exportação na década de 80, em função do fechamento das empresas produtoras.¹⁸

No decorrer do período analisado, as suas participações médias no valor das exportações equivaleram a 2,36% para o óleo de mamona, 1,01% para o óleo de oiticica e 0,68% para o óleo de babaçu, resultando, respectivamente, em oitavo, décimo terceiro e décimo quarto lugares entre os quatorze principais produtos de exportação do Estado.

Na década de 70, com o início da industrialização de peles de caprinos, ovinos e de animais silvestres no Nordeste, o segmento beneficiador de couros no Ceará aumentou em 16,72% a sua participação no valor total das exportações estaduais (TABELA B.4, APÊNDICE e Tabela 1). Contudo, pela sua participação média ao longo dos anos 70, equivalente a 1,91%, coube a este segmento a última posição entre aqueles com maiores níveis de inserção internacional (Tabela 5).

¹⁸ Conforme o Sr. Célio Avelino, assessor em comércio exterior da Federação das Indústrias do Estado do Ceará - FIEC e do Trade-Point Fortaleza, em entrevista concedida à autora em 21.11.96.

As peles de caprinos e ovinos destacaram-se entre os principais itens da pauta de exportações do Ceará, verificando-se sua saída entre os anos de 1973 a 1981 (FIGURA 15).

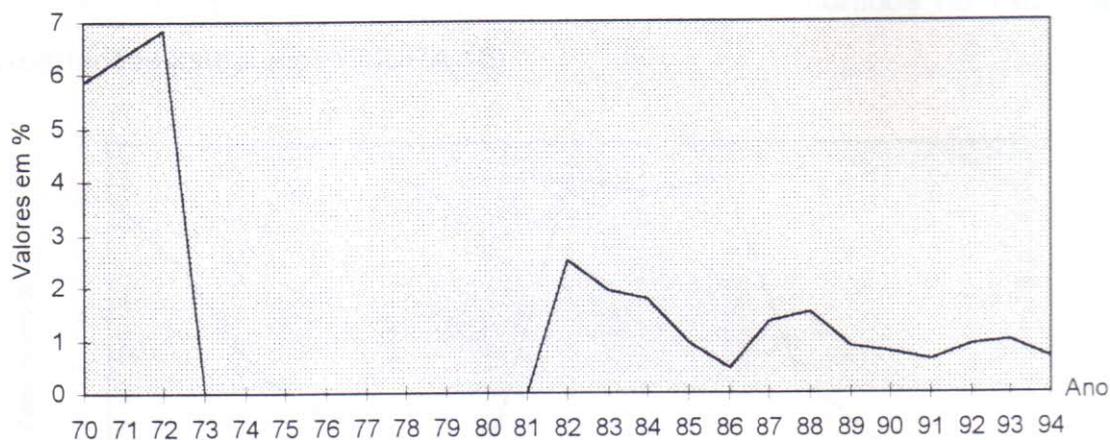


FIGURA 15 - Peles de caprinos e ovinos: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1970 a 1994
 FONTE: Derivada da Tabela B.4, APÊNDICE e Tabela 1.

Este desempenho representou para o produto o décimo segundo lugar entre os itens da pauta de exportações, pela sua participação média de 1,37% no valor das exportações cearenses para o mercado internacional.

O item couros bovinos passou a figurar entre os principais produtos na pauta de exportações do Ceará a partir de 1982. O comportamento das exportações dos produtos oriundos da indústria de couros foi determinado, prioritariamente, pela dinâmica do mercado interno, em particular pela demanda do setor calçadista¹⁹.

Desse modo, apesar de a indústria beneficiadora de couros ter sido afetada pelo não cumprimento, pela SUDENE, dos prazos na liberação de financiamentos nos anos 80²⁰, verificou-se um aumento de 3,19% em sua participação no valor das exportações do Ceará (tabela 5).

¹⁹ De acordo com o Sr. Cândido Couto, presidente do Sindicato da Indústria de Couros, em entrevista concedida à autora dia 21.11.96.

²⁰ Segundo o Sr. Cândido Couto, já citado.

A estreita relação entre a demanda interna do setor calçadista e as exportações dos produtos do segmento coureiro para o mercado internacional foi corroborada, no período analisado, pela expressiva queda, nos anos de 1991 a 1993, da participação dos couros de bovinos curtidos no valor das exportações estaduais (FIGURA 16).



FIGURA 16 - Couros de bovinos: Participação no valor total das exportações do Ceará- 1970 a 1994

FONTE: Derivada da Tabela B.4, APÊNDICE e Tabela 1.

Este fato resultou da melhoria dos preços internos, desencadeada pela instalação no Ceará de um pólo coureiro-calçadista a partir de 1990, que estimulou o direcionamento da produção de couros e peles para o mercado local.

Com a instalação desse pólo, os preços internos tornaram-se mais atraentes e, com isso, nos cinco primeiros anos da década de 90 a participação do segmento beneficiador de couros no valor das exportações do Ceará decresceu (Tabela 5).

4.3. Participação dos Parceiros no Valor Total das Exportações do Ceará

A evolução da importância relativa dos parceiros nas exportações do Ceará foi verificada apenas no período de 1985 a 1993, considerando-se os principais países devido à grande concentração observada nas vendas do Ceará para o mercado internacional.

No decorrer do período 1985 a 1993, os parceiros que tiveram as maiores médias em suas participações proporcionais no valor das exportações cearenses foram: Estados Unidos (58,96%); Portugal (7,39%); Canadá (4,51%); Alemanha(3,77%); Itália (2,68%), Japão (2,49%) (TABELA 8).

TABELA 8 - Ceará: Participação dos principais parceiros comerciais no valor total das exportações para o mercado internacional- 1985 a 1993.
(Valores em %)

Países	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	Média
Alemanha	4,04	3,50	4,55	2,29	2,67	2,60	4,49	2,62	7,15	3,77
Argentina	0,50	0,85	0,70	0,62	0,54	0,58	2,13	2,99	5,93	1,65
Canadá	3,70	5,29	5,35	3,73	5,87	3,71	4,83	4,28	3,85	4,51
Chile	0,17	0,15	0,16	0,74	1,17	0,15	2,08	2,77	2,91	1,14
Itália	2,07	1,65	3,59	3,65	2,72	3,13	2,42	2,60	2,29	2,68
México	0,38	0,30	0,40	0,37	0,43	0,70	0,86	0,98	1,57	0,67
Japão	0,97	1,32	0,83	1,47	2,26	3,39	4,86	3,44	3,84	2,49
Paraguai	0,38	0,59	0,56	0,44	0,87	1,29	1,24	0,70	2,93	1,00
Portugal	1,85	1,15	4,31	7,88	10,81	14,22	12,45	10,66	3,18	7,39
Estados Unidos	68,56	70,12	64,47	63,34	57,72	54,99	49,04	53,45	51,67	58,96

FONTE: Tabelas D.1 e D.2, ANEXO. Cálculos da autora.

A seguir, destacaram-se Argentina, Chile, Paraguai e México, que apesar das pequenas participações médias verificadas no período, apresentaram tendência crescente de participação (FIGURA 17), em grande parte resultante do expressivo aumento verificado em 1993.

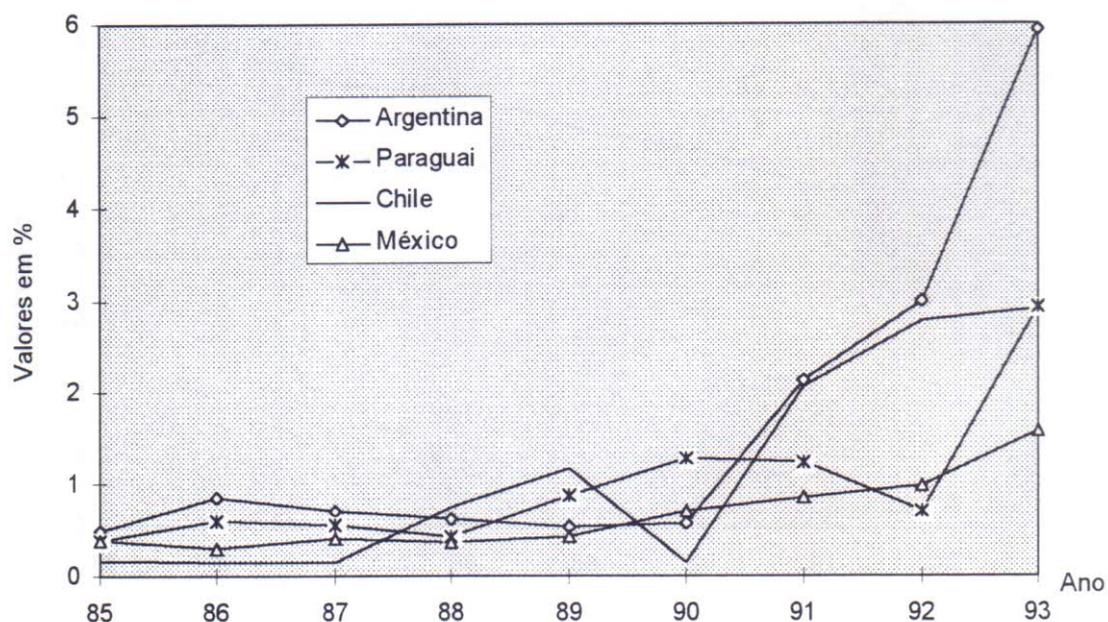


FIGURA 17 - Argentina, Chile, México e Paraguai: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1985 a 1993.

FONTE: Derivada da Tabela 8.

Univ O aumento da participação da Argentina e do Paraguai está associado à formação do MERCOSUL, que favoreceu o aumento das suas transações com o Ceará e tende a promover alterações na dinâmica das relações do Estado com o exterior. Por isso, se verifica a participação destes dois países, bem como do Chile, que mais tarde viria a integrar este bloco econômico, entre os principais parceiros do Ceará no mercado internacional.

Em relação aos seis maiores importadores de produtos cearenses, que foram Estados Unidos, Portugal, Canadá, Alemanha, Itália e Japão, apenas o primeiro não apresentou tendência crescente de participação (FIGURA 18).

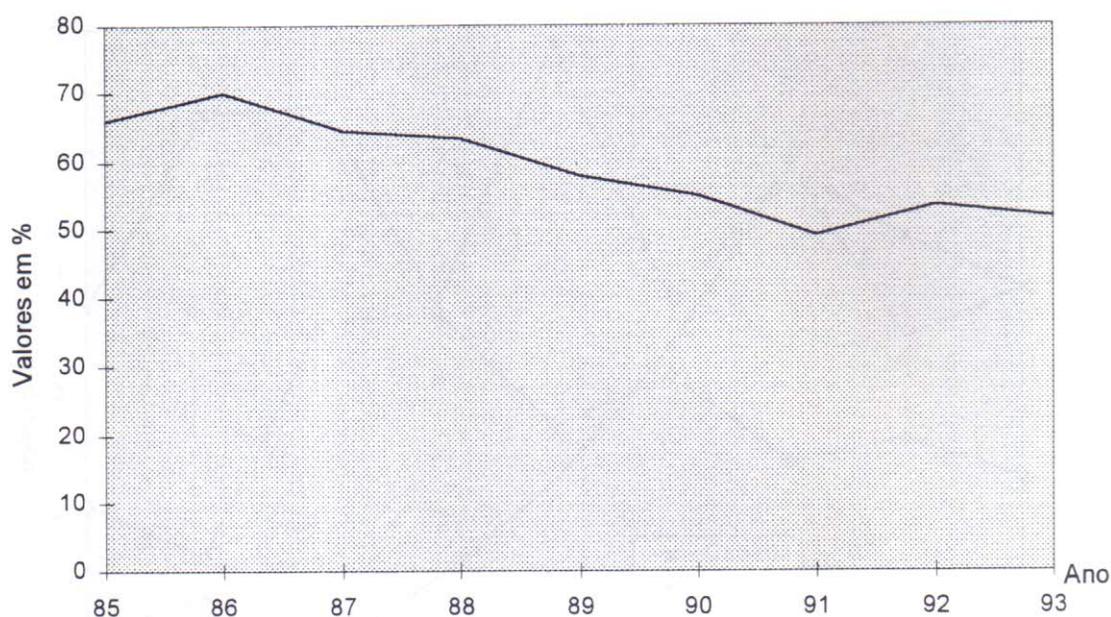


FIGURA 18 - Estados Unidos: Participação no valor total das exportações do Ceará 1985 a 1993.

FONTE: Derivada da Tabela 8.

Contudo, as reduções da participação proporcional dos Estados Unidos no decorrer dos anos não chegaram a comprometer sua posição de destaque como maior importador de produtos cearenses (Tabela 9). As significativas participações anuais desse país, cujo valor mínimo foi de 49,04%, resultaram numa contribuição média de 58,96% na renda gerada pelo segmento exportador cearense e no seu posicionamento em primeiro lugar entre os principais parceiros do Ceará.

Itália, Japão e Canadá apresentaram participações proporcionais no valor das exportações do Ceará com tendência crescente, contudo pouco nítida, principalmente no caso do Canadá (FIGURA 19).

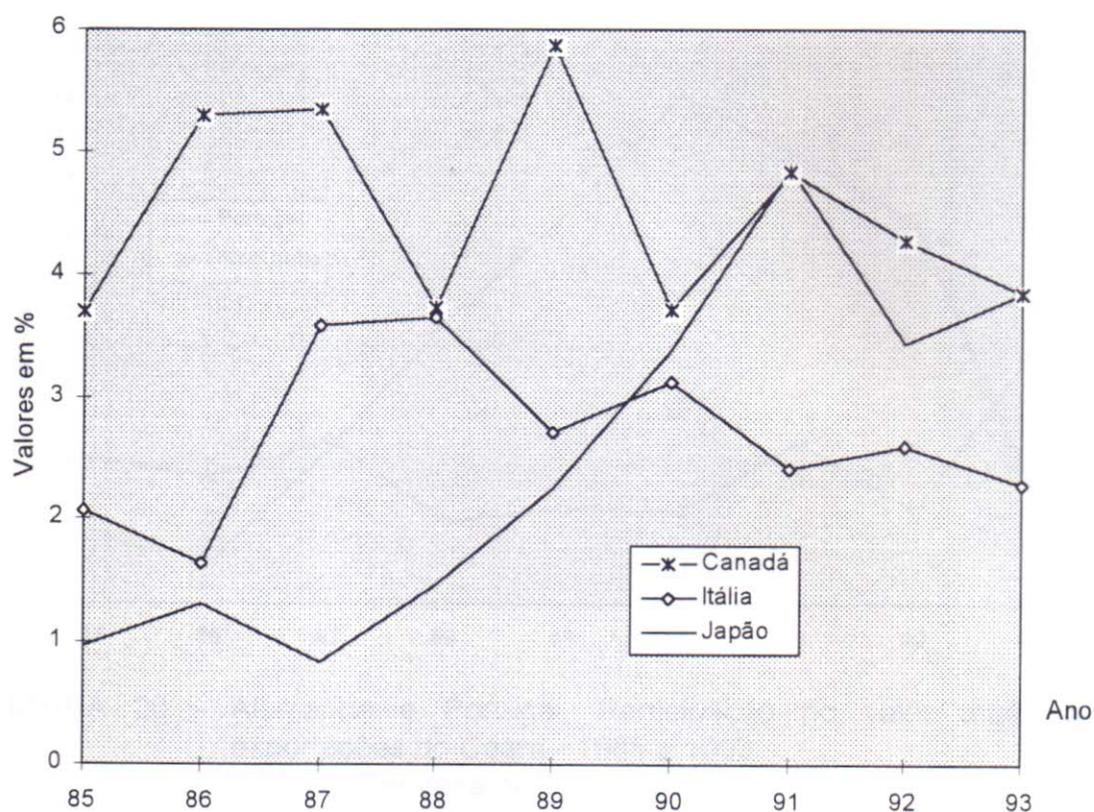


FIGURA 19 - Canadá, Itália e Japão: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1985 a 1993.

FONTE: Derivada da Tabela 8.

Quanto às participações anuais da Alemanha, não apresentaram grandes oscilações, merecendo destaque o significativo crescimento verificado no ano de 1993. Portugal, por sua vez, apresentou nos últimos cinco anos da década de 80 um acentuado aumento de sua participação proporcional no valor total das exportações do Ceará, que começa a decrescer nos quatro primeiros anos da década seguinte (FIGURA 20).

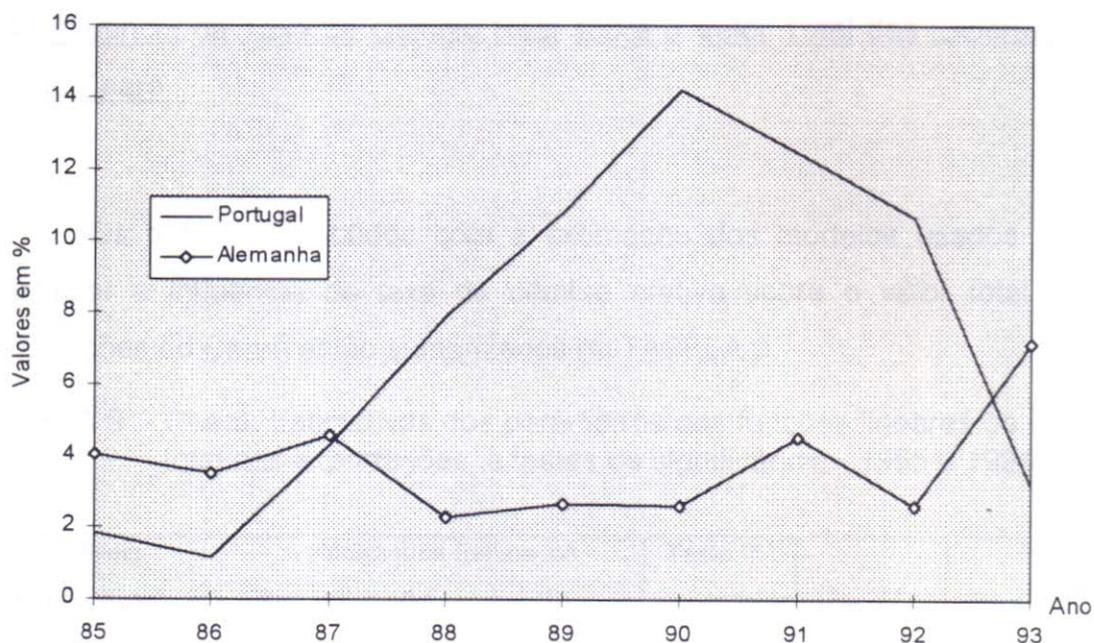


FIGURA 20 - Alemanha e Portugal: Participação no valor total das exportações do Ceará - 1985 a 1993.
 FONTE: Derivada da Tabela 8.

A concentração da receita de exportações do Ceará, constatada a partir da verificação das participações dos seus parceiros, expressou mais um fator de fragilização do seu segmento exportador. Contudo, nos primeiros quatro anos da década de 90 verificou-se um crescimento da participação de países com menor importância nos anos anteriores, o que indicou uma perspectiva de redução da magnitude da concentração de suas vendas no mercado internacional.

4.4. Influência da Taxa de Câmbio Real sobre o Valor Total das Exportações do Ceará

Os resultados obtidos com a estimação dos modelos usados para identificar a influência da taxa de câmbio efetiva sobre o valor total das exportações do Ceará estão sumarizados na TABELA 9.

TABELA 9 - Ceará: Estimativas dos parâmetros das funções lineares do valor total das exportações e testes de significância - 1985 a 1994

Variáveis Explicativas	Parâmetros Estimados			Teste "F" de Snedecor	\bar{R}^2	$P(u \leq u_0)$ *
	B0	B1	B2			
$LnTCR(EF1), T$	17,472 (0,000)	0,36711 (0,028)	0,09626 (0,008)	9,389 (0,010)	0,6509	0,881
$LnTCR(EF2), T$	17,613 (0,000)	0,33281 (0,083)	0,08722 (0,044)	3,927 (0,081)	0,4226	0,786
$LnTCR(EF3), T$	17,583 (0,000)	0,35993 (0,045)	0,09699 (0,014)	7,828 (0,021)	0,6306	0,786
$LnTCR(EF4), T$	16,874 (0,000)	0,49963 (0,028)	0,13379 (0,018)	6,517 (0,040)	0,6119	0,929
$LnTCR(EF5), T$	18,443 (0,000)	0,14802 (0,599)	0,04069 (0,559)	0,209 (0,820)	-0,3582	0,543

FONTE: Cálculos da autora.

Os valores entre parênteses correspondem ao nível de significância.

* Estatística do teste de ordenação casual.

Os coeficientes estimados apresentaram-se coerentes com a teoria econômica, já que seus sinais indicaram uma relação direta entre as variáveis explicativas - logaritmo natural da taxa de câmbio real efetiva [$LnTCR(EF)$] e tendência (T) - e o logaritmo natural do valor total das exportações do Ceará.

Entre os modelos estimados, apresentaram a estatística "F" não significativa ao nível de 5% os modelos 2 e 5. No modelo 2 foi incluída uma taxa de câmbio efetiva calculada com uma cesta das moedas dos Estados Unidos, Canadá, Alemanha, Japão e México. O modelo 5 incluiu as mesmas

moedas, acrescentando-se as da Itália, Chile e Paraguai. A não significância da estatística "F" expressa que essas regressões podem ser desconsideradas.

Tratando-se dos demais modelos, todas as estatísticas apresentaram-se significantes ao nível de 5%. O teste de Ordenação Casual apontou inexistência de autocorrelação serial entre os resíduos, ao nível de significância de 5%, pois os valores tabelados de $P(u \leq u_0)$ foram maiores que 0,05.

O modelo 1 incluiu uma taxa de câmbio real efetiva composta pelas moedas dos Estados Unidos, Canadá, Japão e México. No modelo de número 3, a taxa de câmbio efetiva incluiu as mesmas moedas, acrescentando-se a moeda do Chile. Por fim, a taxa de câmbio real efetiva de número 4 foi calculada a partir de uma cesta formada pelas moedas dos Estados Unidos, Canadá, Alemanha, Itália, Japão, Paraguai e México.

Os maiores valores dos coeficientes associados às variáveis explicativas foram obtidos com a estimação do modelo de número 4 e corresponderam a 0,49963 para a $LnTCR(EF_4)$ e 0,13379 para a tendência. A cesta de moedas usada para o cálculo desta taxa de câmbio foi composta pelos sete países importadores já citados, os quais, em conjunto, apresentaram uma participação proporcional na renda do segmento exportador cearense equivalente a 74,08% no período 1985 a 1992.

Quanto ao nível de significância dos parâmetros estimados, o melhor modelo foi o que incluiu a variável $LnTCR(EF_1)$, cujo coeficiente igual a 0,36711 mostrou-se significativo a 2,8% e o coeficiente associado à variável tendência foi o mais significativo. Este modelo também apresentou o melhor desempenho em relação ao poder explicativo das variações ocorridas no valor das exportações associado ao conjunto de variáveis independentes, que foi igual a 65,09%, conforme o coeficiente de determinação ajustado (\bar{R}^2) obtido (Tabela 9).

Ponderando-se conjuntamente a significância das estatísticas e o valor dos coeficientes estimados, constatou-se que o modelo que inclui a $LnTCR(EF_1)$ expressa melhor a magnitude da influência das variáveis explicativas logaritmo natural da taxa de câmbio real efetiva e tendência sobre a variável logaritmo natural do valor total das exportações do Ceará.

A elasticidade-câmbio apresentou-se inferior à unidade, ou seja, relativamente inelástica. O valor de seu coeficiente expressa que uma variação de 10% na taxa de câmbio real efetiva, resultante de oscilações na taxa de câmbio nominal e/ou nos índices de preços externos e internos, promoveria, em média, uma alteração de 3,67% na receita de exportações do Ceará.

No caso da variável tendência, o parâmetro estimado igual a 0,09626 é significativo ao nível de 0,8%, expressando que o valor das exportações do Ceará apresenta uma taxa de crescimento levemente crescente. Calculando-se a média aritmética simples das suas variações anuais, pode-se afirmar que o crescimento anual da receita de exportações, em média, foi igual a 3,72%.

Os coeficientes de correlação parciais entre a variável dependente e cada uma das variáveis independentes obtidos expressaram alto grau de correlação entre essas. Seus valores foram iguais a 0,73414, para o logaritmo natural da taxa de câmbio real efetiva e 0,81668, para a tendência. Calculando-se o quadrado desses coeficientes, constatou-se que, mantendo-se constante a variável tendência, em média, 53,90% das variações no logaritmo natural do valor das exportações do Ceará são explicadas pela taxa de câmbio real efetiva. Mantendo-se constante a taxa de câmbio real efetiva, a tendência explica, em média, 66,70% das alterações ocorridas na variação do logaritmo natural da receita de exportações.

5. CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Os indicadores obtidos no período 1970 a 1994 expressaram baixos níveis de abertura externa da economia cearense, haja vista a pequena proporção do produto interno bruto destinada ao mercado internacional. Esse desempenho teve como fator determinante o fato de o Estado apresentar uma estrutura de comércio exterior dependente do setor primário, que se encontra estagnado tecnologicamente e apresenta baixos níveis de produtividade, o que se reflete em pouca competitividade do segmento exportador cearense naquele mercado.

Foi constatado, do ponto de vista tendencial, que a proporção do produto interno bruto destinado ao mercado internacional decresceu no período analisado. Contudo, o coeficiente de exportação expressou a ocorrência de subperíodos característicos, nos quais se observou um comportamento diferenciado para os níveis de inserção do segmento exportador no mercado internacional. Verificou-se que as melhorias no desempenho das exportações do Ceará estiveram estreitamente relacionadas aos incentivos fiscais e financeiros promovidos para estimular a expansão do parque industrial e favorecer as exportações.

As exportações do Ceará, no período entre 1970 a 1994, concentraram-se em produtos com pequeno grau de elaboração, cujas matérias-primas provinham do setor primário. Os principais produtos foram a amêndoa da castanha de caju, lagosta, líquido da castanha de caju, peixes, camarão, algodão em pluma, fios de algodão e poliéster, tecidos de algodão e fibra sintética, peles de caprinos e ovinos, couros curtidos, óleos vegetais de oiticica, mamona e babaçu e cera de carnaúba. Em conjunto, estes produtos apresentaram uma participação média de 82,91%, destacando-se a amêndoa da castanha de caju e a lagosta.

Constatou-se, ainda, que ao longo do período 1970 a 1994 destacaram-se como principais setores produtivos na geração de receita cambial para o Ceará as indústrias de processamento da castanha de caju, de pesca, têxtil, de cera de carnaúba, de couros e de óleos vegetais, com as três primeiras apresentando as participações mais expressivas. Contudo, do ponto de vista tendencial, foram decrescentes as participações da indústria processadora de castanha de caju e de pesca, em particular da segunda, que foi perdendo posições a cada década (da primeira posição na década de 70 passou para a terceira nos primeiros cinco anos da década de 90), por não ter se modernizado adequadamente.

Enquanto isso, a indústria têxtil, mesmo não tendo sua produção prioritariamente direcionada para o mercado internacional (como é a produção das indústrias de pesca e processadora de castanha de caju) e, apesar da saída do algodão em pluma da pauta de exportações do Ceará no início da década de 70, melhorou progressivamente sua posição entre os principais segmentos exportadores. Isso ocorreu devido ao fato de esta indústria contar com um parque moderno e competitivo, que lhe permitiu atingir níveis de qualidade de seus produtos compatíveis com os padrões internacionais.

Em relação aos parceiros do Ceará no mercado internacional, poucos apresentaram participações expressivas no valor total das suas exportações entre os anos de 1985 a 1993. Entre estes, as duas primeiras posições couberam aos Estados Unidos e Portugal. No entanto, o aumento das participações da Argentina, Chile, Paraguai e México, verificado a partir de 1991, expressou a perspectiva de uma menor concentração e dependência desses mercados para as exportações cearenses.

A inelasticidade da receita de exportações do Ceará em relação às alterações ocorridas na taxa de câmbio real efetiva expressou que essa variável pouco influenciou o desempenho do segmento exportador cearense. Outras variáveis como: política de industrialização, política tarifária, política de

regulamentação das exportações e importações e competitividade dos setores produtivos foram os fatores determinantes do desempenho desse segmento.

Por isso, verificou-se que as intervenções sobre o câmbio, quando não conjugadas a outras medidas que favoreceram a competitividade dos segmentos produtivos, como a redução e isenção de impostos sobre exportação e sobre importação de máquinas, equipamentos e insumos, não promoveram reflexos positivos sobre o valor das exportações.

Constituiu-se em uma exceção o ano de 1979, em que se verificou um grande aumento do valor das exportações favorecido pela maxidesvalorização de 30% do Cruzeiro. Contudo, esta medida foi adotada para compensar a eliminação dos subsídios fiscais às exportações de produtos manufaturados e, mesmo com a pré-fixação do câmbio em 40% no ano seguinte (1980), o valor das exportações voltou a cair. Este desempenho expressou a importância dos incentivos fiscais sobre o desempenho do segmento exportador cearense.

As correlações entre a variável logaritmo do valor total das exportações do Ceará e cada uma das variáveis explicativas confirmaram que outras variáveis, que não a taxa de câmbio, tiveram maior influência sobre o desempenho do segmento exportador cearense. Isso sugere a importância da realização de estudos posteriores, analisando de modo mais detalhado a influência dessas variáveis sobre a inserção de cada setor produtivo no mercado internacional.

O aumento das exportações do Ceará para os países do MERCOSUL aponta uma tendência de aumento da sua participação no mercado internacional. Entretanto, o presente estudo mostrou que é fundamental a promoção de mudanças com o propósito de melhorar o desempenho da economia cearense não somente em nível externo, mas especialmente em nível interno. Isso requer a recuperação da infra-estrutura depreciada e a modernização do setor primário, que se constitui na base de seu segmento exportador. A ampliação da abertura externa da economia cearense depende,

também, da desburocratização aduaneira, da redução da carga tributária direta e indiretamente incidente sobre as transações com o exterior e de melhores condições de financiamento para as atividades produtivas.

Neste sentido, convém enfatizar que a busca da competitividade, também passa pela redução dos custos de produção e ganhos de produtividade, associados à melhoria na qualidade do produto, e não depende somente da política cambial, como se demonstrou neste trabalho. Sabe-se, ainda, que é indiscutível a importância de novos conhecimentos e habilidades tecnológicas, gerenciais, organizativas e comerciais.

6. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALMEIDA, Clóvis Oliveira de. Política Cambial e Receita de Exportações de Café no Brasil: 1970 a 1989. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. 1993. 66 p. (dissertação de mestrado).
- AMADEO, Edward J. e CAMARGO, José Márcio. Política comercial e distribuição funcional da renda. Pesquisa e Planejamento Econômico. Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 73-100, abr. 1992.
- Banco Central do Brasil (BACEN), Suplemento Estatístico, março de 1995.
- BAUMANN, Renato. A saga da competitividade das exportações industriais brasileiras - 1992. Pesquisa e Planejamento Econômico. Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 135-186, ago. 1994.
- BAUMANN, Renato (org.). O Brasil e a Economia Global. - Rio de Janeiro: Campus. 1996. 292 p.
- Brasil. SUDENE. Agregados Econômicos Regionais - Nordeste do Brasil 1965-92. Recife, SUDENE. DPG. 1994.
- _____. Boletim Conjuntural Nordeste do Brasil. Recife, SUDENE. julho de 1995. 310 p.
- BRUM, Argemiro J. O Desenvolvimento Econômico Brasileiro. 2. ed. - Petrópolis: Vozes, 1982. 220p.
- COSTA FILHO, Samuel. O comportamento da Economia Nordestina em Decorência das Políticas de Ajustamento Econômico dos Anos 80. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. 1992. 260p. (dissertação de mestrado).

DORNBUSCH, Rudiger e FISCHER, Stanley. Macroeconomia. 2. ed. - São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1992. 673p.

DRAPER, N. R. e SMITH, H. Applied Regression Analysis. New York, John Wiley & Sons, 1966. 407p.

✓ FERREIRA, Assuéro. O crescimento recente da economia cearense. Revista Econômica do Nordeste. Fortaleza, v. 26, n. 2, p. 157-180, abr/jun. 1995.

FREITAS FILHO, Floriano *et alii*. Aspectos operacionais do mercado cambial brasileiro. Agricultura em São Paulo. São Paulo, v. 40, n. 2, p. 67-93. 1993.

FUNDAÇÃO IBGE. Anuário Estatístico do Brasil.- Rio de Janeiro: IBGE, 1975; 1980; 1985; 1992; 1993; 1994.

F. IPLANCE. Anuário Estatístico do Ceará.- Fortaleza: IPLANCE, 1985-1994.

_____. Coletânea de Estatísticas da Produção Agrícola Cearense - 1947 a 1995 - Fortaleza: IPLANCE, 1995.

✓ GONÇALVES, Reinaldo. Competitividade internacional, vantagem comparativa e empresas multinacionais: o caso das exportações brasileiras de manufaturados. Pesquisa e Planejamento Econômico. Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 411-436, ago.1987.

GUERRA, Osvaldo. Bahia: Acumulação de Capital e Comércio Exterior. Revista Econômica do Nordeste. Fortaleza, v. 16, n. 4, p. 645-661, out/dez. 1985.

HOEL, Paul G. Estatística Elementar. 2. ed. - Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1968. 310p.

HOFFMAN, Rodolfo. Estatística para Economistas. - São Paulo: Pioneira, 1980. 379p.

HUANG, David S. Regression and Econometric Methods. - New York: John Wiley & Sons, 1970. 274p.

INTERNATIONAL Financial Statistics. U.S.A. v. 35. yearbok 1982.

_____. U.S.A. v. 40, yearbook 1987.

_____. U.S.A. v. 44, yearbook 1991.

_____. U.S.A. v. 29. n.12, dez. 1976.

_____. U.S.A. v. 39. n.2, fev. 1986.

_____. U.S.A. v. 44, n.1, jan.1991.

_____. U.S.A. v. 45, n.4, abr. 1992.

_____. U.S.A. v. 48, n. 6 , jun 1995.

JANK, M. S. Mudanças no Padrão de Crescimento e Dinâmica do Ajuste Externo do Setor Agroindustrial. IN: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL 28, Anais. Brasília, 1990, v.1, p. 297-307.

JOHNSTON, J. Métodos Econométricos. São Paulo: Atlas. 1974. 318p.

LOCATELLI, Ronaldo Lamounier e SILVA, José Afonso Beltrão da. Câmbio real e competitividade das exportações brasileiras. Revista Brasileira de Economia, Rio de Janeiro, v. 45, n. 4, p. 543-564, out/dez. 1991.

LORETO, M. das Dores Saraiva. Avaliação Econométrica da Demanda de Exportação de Cacao. Minas Gerais: Universidade Federal de Viçosa. 1976. 39p. (dissertação de mestrado).

LOPES, Mauro de Rezende. Os Efeitos das Coalizões nas Políticas Agrícolas e o Comércio Exterior dos Produtos Agrícolas no Brasil. Agricultura em São Paulo. São Paulo, v. 39, n. 2, p. 23-41. 1992.

- MAGALHÃES, A. Rocha. Algumas Considerações sobre o Setor Externo da Economia Brasileira. Revista Econômica do Nordeste. Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 7-46, jan/mar. 1979.
- MARTNER, Ricardo. Efeitos macroeconômicos de uma desvalorização cambial: análise de simulações para o Brasil. Pesquisa e Planejamento Econômico. Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 35-72, abr. 1992.
- MATOS, Orlando Carneiro de. Econometria Básica : teoria e aplicações. São Paulo: Atlas, 1995. 244p.
- MENEZES, Adriano Sarquis B. de. Os Impactos da Política Fiscal sobre as Finanças dos Estados e Capitais do Nordeste no Período 1970-89. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. 1992. 228p. (dissertação de mestrado).
- NUNES, João M. Marinho. Balança Comercial e Taxa de Câmbio Real: Uma Análise de Co-integração. Revista de Economia Política. local v. 14, n. 1, p.53, jan/mar. 1994.
- OLIVEIRA, Gesner e ALLAIN, Marcelo. The Recent Brazilian Trade Liberalization in Historical Perspective. São Paulo: Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. 1992. 31p (texto para discussão n. 15)
- OLIVEIRA, Joana D'Arc de. O Complexo Agroindustrial de Sucos de Frutas Tropicais no Estado do Ceará: Uma visão de Organização Industrial. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. 1990. 204p. (dissertação de mestrado).
- PARENTE, W. C. Estrutura do Comércio Internacional da Amêndoa da Castanha de Caju (ACC) do Brasil. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. 1990. 149p.

PINHEIRO, Armando Castelar e MOTTA, Ronaldo Serôa da. Índices de exportação para o Brasil: 1974/88. Pesquisa e Planejamento Econômico. Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 253-286, ago. 1991.

✓ ROCHA, Luiz Eduardo V. Rocha e TEIXEIRA, Erylly Cardoso. Taxa de câmbio real e a competitividade da economia brasileira. IN: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL 33. Curitiba. Anais. Brasília, 1995, v.1, p. 200-219.

SANTOS, Sandra Maria dos. Comércio Triangular do Estado do Ceará. Revista de Economia do Ceará. Fortaleza, v. 1, n.2, p. 3-27, jan./jun. 1983.

✓ SILVA, Ana Lúcia Gonçalves da e LAPLANE, Mariano Francisco. Dinâmica recente da indústria brasileira e desenvolvimento competitivo. Economia e Sociedade. Campinas, n.3, p. 81-97, dez. 1994.

SILVA, César Roberto Leite da e CARVALHO, Maria Auxiliadora. Taxa de Câmbio e Preços de *Commodities* Agrícolas. Informações Econômicas. São Paulo, v. 25, n. 5, p. 23-41, mai. 1995.

SILVEIRA, José Dantas da e SANTOS, Sandra Maria dos. Análise da Balança Comercial do Estado do Ceará no período 1960-1980. Instituto de Planejamento do Ceará (IPLANCE)/ Centro de Aperfeiçoamento de Economistas do Nordeste (CAEN). Fortaleza, 1983. 94p.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TABELA A.1 - Estados Unidos: Índice de preços
ao atacado - 1970 a 1994.

Ano	(1980 = 100)
1970	41,05
1971	42,42
1972	44,29
1973	50,11
1974	59,54
1975	65,04
1976	68,07
1977	72,24
1978	77,86
1979	87,62
1980	100,00
1981	109,13
1982	111,33
1983	112,73
1984	115,41
1985	114,86
1986	111,52
1987	114,87
1988	119,46
1989	125,43
1990	130,45
1991	130,71
1992	131,49
1993	134,12
1994	135,46

FONTE: TABELA E.1, ANEXO.

TABELA A.2 - Estados Unidos: Índice de preços ao consumidor - 1970 a 1994

Ano	1980 =100
1970	47,12
1971	49,15
1972	50,77
1973	53,93
1974	59,85
1975	65,32
1976	69,08
1977	73,58
1978	79,17
1979	88,13
1980	100,00
1981	110,35
1982	117,15
1983	120,91
1984	126,07
1985	130,55
1986	133,06
1987	138,38
1988	143,92
1989	151,12
1990	158,68
1991	165,03
1992	169,98
1993	175,08
1994	180,33

FONTE: TABELA E.10, ANEXO.

TABELA A.3 - Ceará: Participação dos setores no PIB total -
1970 a 1992

Ano	(Valores em %)		
	Agropecuário	Industrial	Serviços
1970	16,71	26,73	56,57
1971	31,34	20,74	47,92
1972	26,47	20,63	52,90
1973	32,10	20,05	47,85
1974	25,93	21,31	52,75
1975	21,75	24,41	53,84
1976	24,73	21,82	53,44
1977	21,08	24,79	54,13
1978	18,75	25,30	55,95
1979	18,93	23,80	57,27
1980	15,04	25,49	59,47
1981	12,69	24,94	62,37
1982	12,95	24,75	62,30
1983	7,70	28,13	64,17
1984	15,06	24,6	60,34
1985	13,36	25,02	61,62
1986	11,53	21,99	66,48
1987	10,27	28,15	61,58
1988	11,56	28,11	60,33
1989	11,35	29,06	59,59
1990	9,69	29,54	60,78
1991	11,61	26,42	61,97
1992	6,85	28,65	64,50

FONTE: TABELA B.2, ANEXO.

TABELA A.4 - Ceará: Produto interno bruto total e setorial - 1970 a 1992

(Valores em US\$ 1.000 de 1980)

Ano	Agropecuário	Industrial	Serviços	Total
1970	218.724,96	349.881,40	740.471,05	1.308.946,52
1971	525.299,54	347.629,63	803.202,11	1.676.131,28
1972	480.487,67	374.479,06	960.249,26	1.815.215,99
1973	806.211,85	503.568,46	1.201.783,08	2.511.563,39
1974	664.614,11	546.198,49	1.352.039,89	2.563.108,80
1975	581.745,73	652.892,56	1.440.054,72	2.674.693,01
1976	823.714,20	726.787,06	1.779.995,43	3.330.829,77
1977	764.245,87	898.750,24	1.962.458,67	3.625.454,77
1978	752.020,62	1.014.726,49	2.244.029,52	4.010.776,63
1979	810.467,69	1.018.971,53	2.451.953,77	4.281.393,00
1980	607.546,51	1.029.678,23	2.402.313,23	4.039.537,97
1981	516.387,26	1.014.869,83	2.537.988,43	4.069.245,52
1982	570.423,16	1.090.190,98	2.744.197,89	4.404.812,03
1983	228.172,82	833.571,61	1.901.538,93	2.963.283,35
1984	537.929,46	878.689,55	2.155.289,75	3.571.908,76
1985	463.478,56	867.981,56	2.137.690,79	3.469.150,91
1986	464.531,34	885.953,52	2.678.407,92	4.028.892,78
1987	443.804,78	1.216.465,88	2.661.100,13	4.321.370,79
1988	581.086,12	1.413.004,39	3.032.606,01	5.026.696,52
1989	822.706,72	2.106.419,15	4.319.391,50	7.248.517,37
1990	662.457,61	2.019.504,42	4.155.229,47	6.836.507,85
1991	677.038,88	1.540.686,23	3.613.789,78	5.831.514,89
1992	377.030,04	1.576.921,25	3.550.136,85	5.504.088,14

FONTE: SUDENE, 1994.

NOTA: Percentuais apresentados na TABELA A.2, APÊNDICE, usados para obtenção do PIB setorial a partir do valor do PIB total, TABELA 1.

TABELA 1 - Valor agregado bruto em milhões de dólares para o mercado interno e para o exterior, em produtos da indústria e do comércio

Ano	Valor agregado bruto em milhões de dólares	Valor agregado bruto em milhões de dólares	Em dólares em US\$ de 1970	
			Indústria	Comércio
1970	15.112.012	15.112.012	15.112.012	15.112.012
1971	20.919.377	20.919.377	20.919.377	20.919.377
1972	26.374.111	26.374.111	26.374.111	26.374.111
1973	22.403.874	22.403.874	22.403.874	22.403.874
1974	21.000.410	21.000.410	21.000.410	21.000.410
1975	20.011.921	20.011.921	20.011.921	20.011.921
1976	18.918.511	18.918.511	18.918.511	18.918.511
1977	17.811.111	17.811.111	17.811.111	17.811.111
1978	16.711.111	16.711.111	16.711.111	16.711.111
1979	15.611.111	15.611.111	15.611.111	15.611.111
1980	14.511.111	14.511.111	14.511.111	14.511.111
1981	13.411.111	13.411.111	13.411.111	13.411.111
1982	12.311.111	12.311.111	12.311.111	12.311.111
1983	11.211.111	11.211.111	11.211.111	11.211.111
1984	10.111.111	10.111.111	10.111.111	10.111.111
1985	9.011.111	9.011.111	9.011.111	9.011.111
1986	7.911.111	7.911.111	7.911.111	7.911.111
1987	6.811.111	6.811.111	6.811.111	6.811.111
1988	5.711.111	5.711.111	5.711.111	5.711.111
1989	4.611.111	4.611.111	4.611.111	4.611.111
1990	3.511.111	3.511.111	3.511.111	3.511.111
1991	2.411.111	2.411.111	2.411.111	2.411.111
1992	1.311.111	1.311.111	1.311.111	1.311.111
1993	211.111	211.111	211.111	211.111
1994	111.111	111.111	111.111	111.111
1995	111.111	111.111	111.111	111.111
1996	111.111	111.111	111.111	111.111
1997	111.111	111.111	111.111	111.111
1998	111.111	111.111	111.111	111.111
1999	111.111	111.111	111.111	111.111
2000	111.111	111.111	111.111	111.111
2001	111.111	111.111	111.111	111.111
2002	111.111	111.111	111.111	111.111
2003	111.111	111.111	111.111	111.111
2004	111.111	111.111	111.111	111.111
2005	111.111	111.111	111.111	111.111
2006	111.111	111.111	111.111	111.111
2007	111.111	111.111	111.111	111.111
2008	111.111	111.111	111.111	111.111
2009	111.111	111.111	111.111	111.111
2010	111.111	111.111	111.111	111.111
2011	111.111	111.111	111.111	111.111
2012	111.111	111.111	111.111	111.111
2013	111.111	111.111	111.111	111.111
2014	111.111	111.111	111.111	111.111
2015	111.111	111.111	111.111	111.111
2016	111.111	111.111	111.111	111.111
2017	111.111	111.111	111.111	111.111
2018	111.111	111.111	111.111	111.111
2019	111.111	111.111	111.111	111.111
2020	111.111	111.111	111.111	111.111
2021	111.111	111.111	111.111	111.111
2022	111.111	111.111	111.111	111.111
2023	111.111	111.111	111.111	111.111
2024	111.111	111.111	111.111	111.111
2025	111.111	111.111	111.111	111.111
2026	111.111	111.111	111.111	111.111
2027	111.111	111.111	111.111	111.111
2028	111.111	111.111	111.111	111.111
2029	111.111	111.111	111.111	111.111
2030	111.111	111.111	111.111	111.111

APÊNDICE B

TABELA B.1 - Ceará: Valor das exportações para o mercado internacional dos principais produtos da indústria de pesca - 1970 a 1994

(Valores em US\$ de 1980)

Ano	Lagosta	Peixes	Camarão	Indústria de pesca
1970	17.658.952,50	453.105,97	-	18.112.058,47
1971	20.601.131,54	318.246,11	-	20.919.377,65
1972	27.331.226,01	1.043.124,86	-	28.374.350,87
1973	30.802.235,08	2.001.596,49	-	32.803.831,57
1974	34.114.880,75	2.114.544,84	-	36.229.425,60
1975	23.922.201,72	4.311.193,11	-	28.233.394,83
1976	29.381.519,02	6.609.372,70	-	35.990.891,73
1977	32.707.641,20	7.877.906,98	-	40.585.548,17
1978	41.713.331,62	9.112.509,63	-	50.825.841,25
1979	48.891.805,52	5.769.230,77	-	54.661.036,29
1980	31.315.026,00		5.801.788,00	44.714.319,00
1981	36.985.618,99		5.548.769,36	49.805.457,71
1982	39.208.958,05	-	5.978.547,56	45.187.505,61
1983	19.143.739,02	2.833.734,59	3.956.436,62	25.933.910,23
1984	33.494.860,93	3.724.020,45	6.750.618,66	43.969.500,04
1985	27.301.370,36	3.564.448,89	8.645.847,99	39.511.667,25
1986	19.964.131,99	5.488.701,58	7.977.044,48	33.429.878,05
1987	37.288.238,88	3.931.400,71	8.559.240,88	49.778.880,47
1988	33.817.050,90	1.307.578,27	9.082.152,18	44.206.781,35
1989	18.347.968,59	1.593.126,05	4.273.333,33	24.214.427,97
1990	30.047.060,94	1.154.455,35	4.019.025,68	35.220.541,97
1991	35.503.133,65	1.166.789,84	4.492.288,27	41.162.211,77
1992	29.106.900,91	819.501,86	4.208.670,62	34.135.073,39
1993	31.042.670,36	1.208.617,74	2.483.296,43	34.734.584,53
1994	33.751.094,05	294.952,02	4.513.275,51	38.559.321,57

FONTE: TABELA C.1, ANEXO e TABELA A.1, APÊNDICE.

TABELA B.2 - Ceará: Valor das exportações para o mercado internacional dos principais produtos da indústria processadora de castanha de caju - 1970 a 1994

(Valores em US\$ de 1980)

Ano	Amêndoa da castanha de caju	Líquido da castanha de caju	Indústria de castanha
1970	16.574.908,65	1.378.806,33	17.953.714,98
1971	11.169.259,78	1.628.948,61	12.798.208,39
1972	18.532.400,09	1.995.935,88	20.528.335,97
1973	19.099.980,04	1.380.961,88	20.480.941,93
1974	20.947.262,34	3.785.690,29	24.732.952,64
1975	25.439.729,40	3.267.220,17	28.706.949,57
1976	24.078.154,84	2.822.094,90	26.900.249,74
1977	30.141.196,01	3.909.191,58	34.050.387,60
1978	40.475.211,92	12.919.342,41	53.394.554,33
1979	42.348.778,82	17.320.246,52	59.669.025,34
1980	62.142.799,00	7.222.214,00	69.365.013,00
1981	65.614.963,80	3.569.236,69	69.184.200,49
1982	50.122.394,68	-	50.122.394,68
1983	55.671.619,80	2.474.870,93	58.146.490,73
1984	54.043.365,39	5.107.385,84	59.150.751,23
1985	83.170.359,57	4.651.359,92	87.821.719,48
1986	93.242.467,72	5.307.568,15	98.550.035,87
1987	72.377.470,18	5.691.651,43	78.069.121,62
1988	84.080.959,32	6.165.822,03	90.246.781,35
1989	73.931.467,75	4.592.626,96	78.524.094,71
1990	63.432.678,42	5.750.167,11	69.182.845,53
1991	70.435.165,63	3.466.828,09	73.901.993,73
1992	95.560.598,52	3.575.655,18	99.136.253,71
1993	74.174.079,21	2.002.908,28	76.176.987,49
1994	68.696.187,07	1.732.728,48	70.428.915,55

FONTE: TABELA C.2, ANEXO e TABELA A.1, APÊNDICE.

TABELA B.3 - Ceará: Valor das exportações para o mercado internacional dos principais produtos da indústria têxtil - 1970 a 1994

(Valores em US\$ de 1980)				
Ano	Algodão	Fios Algodão	Tecidos Algodão	Indústria Têxtil
1970	40.884.287,45	-	-	40.884.287,45
1971	25.770.862,80	-	-	25.770.862,80
1972	34.303.454,50	-	-	34.303.454,50
1973	31.716.224,31	-	-	31.716.224,31
1974	10.952.300,97	564.326,50	-	11.516.627,48
1975	-	1.671.279,21	-	1.671.279,21
1976	-	4.872.924,93	-	4.872.924,93
1977	-	4.187.430,79	-	4.187.430,79
1978	455.000,00	4.447.726,69	-	4.902.726,69
1979	-	5.774.937,23	-	5.774.937,23
1980	-	7.634.763,00	5.234.021,00	12.868.784,00
1981	-	7.278.813,34	4.155.597,91	11.434.411,25
1982	-	8.625.383,10	6.363.003,68	14.988.386,78
1983	-	19.008.048,43	5.105.405,84	24.113.454,27
1984	-	20.221.142,02	6.963.316,00	27.184.458,02
1985	-	11.773.428,52	4.621.731,67	16.395.160,20
1986	-	7.580.703,01	3.822.632,71	11.403.335,72
1987	-	24.279.620,44	4.878.558,37	29.158.178,81
1988	-	26.742.640,21	5.286.674,20	32.029.314,41
1989	-	20.699.795,10	4.215.981,82	24.915.776,93
1990	-	25.352.857,03	5.491.424,30	30.844.281,33
1991	-	35.605.916,92	5.283.863,51	40.889.780,43
1992	-	36.794.141,76	10.807.141,99	47.601.283,75
1993	-	11.932.096,75	20.986.120,62	32.918.217,37
1994	-	18.168.365,57	25.240.585,41	43.408.950,98

FONTE: TABELA C.3, ANEXO e TABELA A.1, APÊNDICE.

TABELA B.4 - Ceará: Valor das exportações para o mercado internacional dos principais produtos da indústria de couros - 1970 a 1994

(Valores em US\$ de 1980)			
Ano	Peles de caprinos e ovinos	Couros bovinos	Indústria de Couros
1970	8.114.494,52	-	8.114.494,52
1971	7.338.519,57	-	7.338.519,57
1972	10.578.008,58	-	10.578.008,58
1973	-	-	-
1974	-	-	-
1975	-	-	-
1976	-	-	-
1977	-	-	-
1978	-	-	-
1979	-	-	-
1980	-	-	-
1981	-	-	-
1982	3.528.544,87	8.566.965,78	12.095.510,65
1983	2.845.114,88	7.103.338,95	9.948.453,83
1984	3.113.291,74	5.170.817,95	8.284.109,69
1985	1.750.620,76	4.312.604,91	6.063.225,67
1986	842.001,43	2.595.946,92	3.437.948,35
1987	2.683.903,54	3.537.041,87	6.220.945,41
1988	3.329.537,08	14.061.459,07	17.390.996,15
1989	1.517.357,89	10.722.339,95	12.239.697,84
1990	1.345.894,21	11.348.729,01	12.694.623,22
1991	1.265.118,97	6.106.525,13	7.371.644,10
1992	2.073.315,84	4.302.806,30	6.376.122,14
1993	2.122.622,92	2.954.166,19	5.076.789,11
1994	1.576.741,47	6.114.155,47	7.690.896,94

FONTE: TABELA C.4, ANEXO e TABELA A.1, APÊNDICE.

TABELA B.5 - Ceará: Valor das exportações para o mercado internacional dos principais produtos da indústria de óleos vegetais - 1970 a 1994

(Valores em US\$ de 1980)

Ano	Óleo de oiticica	Óleo de mamona	Óleo de babaçu	Indústria de óleos vegetais
1970	4.757.612,67	4.448.233,86	5.283.800,24	14.489.646,77
1971	3.623.290,90	6.374.351,72	1.265.912,31	11.263.554,93
1972	1.009.257,17	8.947.843,76	756.378,41	10.713.479,34
1973	4.488.126,12	13.470.365,20	1.869.886,25	19.828.377,57
1974	5.571.044,68	7.621.766,88	14.311.387,30	27.504.198,86
1975	5.204.489,54	5.515.067,65	421.279,21	11.140.836,41
1976	192.448,95	11.789.334,51	324.665,79	12.306.449,24
1977	2.706.256,92	12.135.935,77	935.769,66	15.777.962,35
1978	10.299.255,07	9.027.742,10	977.395,32	20.304.392,50
1979	236.247,43	10.286.464,28	882.218,67	11.404.930,38

FONTE: TABELA C.5, ANEXO e TABELA A.1, APÊNDICE.

TABELA B.6 - Ceará: Valor das exportações para o mercado internacional dos principais produtos da indústria de cera de carnaúba e outros produtos - 1970 a 1994.

Ano	(Valores em US\$ de 1980)	
	Cera carnaúba	Outros Produtos
1970	20.216.808,77	18.769.792,94
1971	23.074.021,69	14.031.117,40
1972	24.800.180,63	25.129.826,15
1973	25.799.241,67	36.735.182,60
1974	35.786.026,20	37.030.567,69
1975	17.721.402,21	29.120.541,21
1976	22.003.819,60	29.011.311,88
1977	17.882.059,80	31.836.932,45
1978	20.741.073,72	34.278.191,63
1979	20.257.931,98	49.501.255,42
1980	14.519.341,00	14.756.226,00
1981	13.826.144,96	14.367.031,06
1982	11.761.805,44	9.254.335,76
1983	9.057.519,74	22.567.863,04
1984	7.207.508,01	33.247.081,71
1985	8.698.110,74	31.397.301,93
1986	11.720.767,58	19.789.275,47
1987	13.437.799,25	25.725.602,86
1988	14.761.411,35	23.966.058,93
1989	11.793.858,73	24.903.543,01
1990	11.443.345,34	18.709.478,73
1991	16.145.320,17	28.678.671,87
1992	15.185.389,00	30.600.870,79
1993	17.189.841,86	48.489.395,49
1994	14.441.449,87	74.250.058,32

FONTE: TABELA C.6, ANEXO e TABELA A.1, APÊNDICE.

TABELA C.1 - Ceará: Valor das exportações segundo os principais parceiros no mercado internacional - 1985 a 1993

(Valores em US\$ de 1980)

Ano	Alemanha	Argentina	Canadá	Chile	Estados Unidos	Itália
1985	7.593.592,20	934.180,74	6.954.553,37	314.295,66	123.906.494,86	3.889.952,99
1986	6.209.648,49	1.516.319,94	9.389.347,20	261.836,44	124.447.632,71	2.925.932,57
1987	9.091.146,51	1.406.807,70	10.674.675,72	309.915,56	128.744.667,89	7.166.361,97
1988	5.011.089,07	1.362.458,56	8.183.868,24	1.626.166,08	138.890.918,30	7.996.136,78
1989	4.674.010,20	941.373,67	10.285.065,77	2.053.371,60	101.052.317,63	4.760.923,22
1990	4.590.825,60	1.025.123,04	6.551.694,90	272.419,32	97.067.811,42	5.526.637,03
1991	9.299.033,74	4.407.946,60	9.990.356,51	4.295.392,09	101.462.861,30	5.007.820,37
1992	6.049.809,11	6.912.673,21	9.874.922,81	6.389.171,80	123.442.677,01	5.994.717,47
1993	15.185.562,82	12.609.455,87	8.186.960,18	6.185.707,30	109.780.796,43	4.857.262,79

(continua)

TABELA C.1 - (continuação)

(Valores em US\$ de 1980)

Ano	Japão	México	Paraguai	Portugal	Total
1985	1.833.536,48	713.912,59	722.618,84	3.482.500,44	188.136.862,27
1986	2.347.560,98	531.743,19	1.042.862,27	2.044.476,33	177.488.342,90
1987	1.661.878,65	805.258,12	1.115.173,67	8.614.956,04	199.706.624,88
1988	3.221.562,03	805.167,42	956.266,53	17.288.213,63	219.271.806,46
1989	3.948.318,58	760.629,04	1.525.576,82	18.927.118,71	175.074.041,30
1990	5.979.925,64	1.243.934,07	2.273.603,68	25.097.488,69	176.505.450,36
1991	10.061.027,47	1.771.243,98	2.563.199,45	25.757.587,79	206.884.503,10
1992	7.940.921,74	2.273.360,71	1.605.200,40	24.625.633,13	230.961.676,93
1993	8.162.914,75	3.332.633,70	6.221.973,84	6.747.397,21	212.463.192,93

FONTE: TABELA D.2, ANEXO e TABELA A.1, APÊNDICE.

... dos principais países
... internacional



APÊNDICE D

TABELA D.1 - Índice de preços ao atacado dos principais parceiros comerciais do Ceará no mercado internacional - 1985 a 1994

(1980 = 100)				
Ano	Alemanha	Argentina	Canadá	Chile
1985	121,85	176.798,00	129,10	303,30
1986	118,25	289.708,00	131,70	363,30
1987	115,89	646.048,84	135,65	432,33
1988	117,05	3.314.230,55	141,08	458,27
1989	120,56	117.058.623,00	145,31	527,01
1990	122,97	2.341.172,46	145,60	641,90
1991	125,43	4.916.462,17	144,14	783,12
1992	126,68	5.211.449,90	144,86	873,18
1993	126,55	5.315.678,90	149,21	943,91
1994	SI	5.336.941,62	158,16	1.021,31

(continua)

TABELA D.1 - (continuação)

(1980 = 100)				
Ano	Itália	Japão	México	Paraguai
1985	173,83	99,55	1.053,40	223,37
1986	172,26	90,19	1.932,40	323,89
1987	177,43	86,58	4.560,46	362,76
1988	186,30	85,71	9.485,76	460,71
1989	197,48	88,28	11.003,48	562,07
1990	211,30	90,05	13.534,28	871,21
1991	221,87	90,23	16.376,48	1.149,99
1992	226,31	88,88	18.505,42	SI
1993	SI	85,32	20.170,91	SI
1994	SI	83,61	21.582,87	SI

FONTE: TABELAS E.6, E.7, E.8 e E.9, ANEXO.

SI = sem informação.

TABELA D.2 - Índice de preços ao consumidor de Fortaleza - IPC Geral - 1985 a 1994

Ano	1980 =100
1985	9.310,84
1986	23.449,69
1987	85.923,50
1988	686.831,13
1989	11.306.370,44
1990	380.433.887,97
1991	2.105.245.759,98
1992	24.716.150.210,00
1993	542.519.497.100,00
1994	13.362.255.210.000,00

FONTE: TABELA E.11, ANEXO.

Ano	Taxa de câmbio	ICMS	
		1990	1991
1990	1,00	100	100
1991	1,00	100	100
1992	1,00	100	100
1993	1,00	100	100
1994	1,00	100	100
1995	1,00	100	100
1996	1,00	100	100
1997	1,00	100	100
1998	1,00	100	100
1999	1,00	100	100
2000	1,00	100	100
2001	1,00	100	100
2002	1,00	100	100
2003	1,00	100	100
2004	1,00	100	100
2005	1,00	100	100
2006	1,00	100	100
2007	1,00	100	100
2008	1,00	100	100
2009	1,00	100	100
2010	1,00	100	100
2011	1,00	100	100
2012	1,00	100	100
2013	1,00	100	100
2014	1,00	100	100
2015	1,00	100	100
2016	1,00	100	100
2017	1,00	100	100
2018	1,00	100	100
2019	1,00	100	100
2020	1,00	100	100
2021	1,00	100	100
2022	1,00	100	100

APÊNDICE E

TABELA E.1 - Brasil: Médias anuais da taxa de câmbio nominal - 1970 a 1994

		(Cr\$/US\$)
Ano	Valor	
1970	4,59	
1971	5,29	
1972	5,93	
1973	6,13	
1974	6,79	
1975	8,13	
1976	10,67	
1977	14,14	
1978	18,08	
1979	26,82	
1980	52,81	
1981	93,35	
1982	180,37	
1983	580,20	
1984	1.842,61	
1985	6.222,28	
1986	13.660,00	
1987	39.520,00	
1988	265.570,00	
1989	2.830.000,00	
1990	68.060.000,00	
1991	409.250.000,00	
1992	4.551.280.000,00	
1993	88.550.000.000,00	
1994	1.756.975.000.000,00	

FONTE: TABELA F.1, ANEXO.

TABELA E.2 - Médias anuais das taxas de câmbio nominais dos principais parceiros comerciais do Ceará no mercado internacional - 1985 a 1994

(Valores em Cr\$ correntes)

Ano	Marco Alemão	Peso Argentino	Dólar Canadense	Peso Chileno	Lira Italiana
1985	2.190,96	SI	4.539,29	SI	3,33
1986	6.343,85	SI	9.846,27	69,14	9,23
1987	22.076,42	SI	29.726,27	175,63	30,53
1988	147.894,93	SI	215.598,63	1.062,50	199,44
1989	1.538.114,75	SI	2.408.265,86	10.503,33	2.098,15
1990	43.380.677,60	SI	58.645.471,19	212.024,13	58.291,94
1991	246.822.415,71	SI	355.686.793,91	1.094.126,71	329.365,33
1992	2.914.077.329,19	4.545.721.525,03	3.663.254.166,70	11.349.150,71	3.565.102,49
1993	52.665.374.213,07	88.365.392.928,76	67.230.294.563,75	211.234.202,38	54.538.987,52
1994	1.106.864.273.771,12	1.761.050.592.361,11	1.281.529.473.828,73	4.178.811.781,62	1.104.145.691,40

(continua)

TABELA E.2 - (continuação)

(Valores em Cr\$ correntes)

Ano	Yene japonês	Peso Mexicano	Guarani	Escudo Português
1985	26,98	21,70	12,00	36,95
1986	81,88	23,57	21,41	91,69
1987	277,10	27,64	48,59	280,37
1988	2.064,11	116,80	275,47	1.795,42
1989	20.029,40	1.116,36	2.400,40	18.049,56
1990	484.733,89	24.512,59	55.989,23	491.696,41
1991	3.062.215,64	134.088,68	308.301,89	2.830.882,77
1992	36.047.948,99	1.454.274,98	2.953.995,87	33.419.479,19
1993	813.313.873,60	28.342.949,22	49.905.124,02	523.933.575,37
1994	17.481.074.259,73	517.923.236,90	923.454.174,09	10.803.348.412,76

FONTE: Banco Central do Brasil/Departamento de Fortaleza - DEFOR. Tabulação especial.

relação entre o valor total
de câmbio resis

Valores a
TCR(EF)

54,03

49,01

7,3

APÊNDICE F

TABELA F.1 - Dados básicos usados para estimação da relação entre o valor total das exportações do Ceará e as taxas de câmbio reais efetivas no período 1985 a 1994

Ano	V_t	TCR(EF ₁)	TCR(EF ₂)	TCR(EF ₃)	(Valores em US\$ de 1980)	
					TCR(EF ₄)	TCR(EF ₅)
1985	188.136.564,51	52,89	54,05	SI	54,05	49,61
1986	177.489.239,60	48,48	49,60	48,49	49,61	37,94
1987	199.706.624,88	36,58	37,93	36,58	37,94	31,50
1988	219.271.806,46	30,92	31,50	30,93	31,50	19,95
1989	175.074.041,30	19,52	19,95	19,52	19,95	13,78
1990	176.749.221,92	13,42	13,78	13,42	13,78	14,06
1991	206.884.503,10	13,40	14,04	13,40	14,05	14,28
1992	230.961.676,93	13,87	14,27	13,89	14,27	SI
1993	212.463.192,93	12,05	12,92	12,06	SI	SI
1994	247.202.851,76	11,19	SI	11,20	SI	SI

FONTE: Valor total das exportações (V_t), TABELA 1.

TCR(EF_i), TABELA 8, TABELAS A.1, D.1, D.2, D.3, E.1, E.2 e E.3, APÊNDICE.

SI = sem informação.

7 - Regressão linear para verificar a relação entre o logaritmo natural do valor total das exportações do Ceará, o logaritmo natural da taxa de câmbio real efetiva e a tendência.

ANO
VALOR TOTAL DAS EXPORTAÇÕES
TAXA DE CÂMBIO REAL EFETIVA

VALOR TOTAL DAS EXPORTAÇÕES

VALOR TOTAL DAS EXPORTAÇÕES

ANO
VALOR TOTAL DAS EXPORTAÇÕES
TAXA DE CÂMBIO REAL EFETIVA

VALOR TOTAL DAS EXPORTAÇÕES

APÊNDICE G

VALOR TOTAL DAS EXPORTAÇÕES

G.1 - Regressão estimada para verificar a relação entre o logaritmo natural do valor total das exportações do Ceará, o logaritmo natural da taxa de câmbio real efetiva 1 e a tendência.

```
FILE INPUT C:\SHAZAM\BLOCO\RTEF1T.TXT
UNIT 5 IS NOW ASSIGNED TO: C:\SHAZAM\BLOCO\RTEF1T.TXT
_SAMPLE 1 10
_READ LnVt LnTCR(EF1) T
3 VARIABLES AND 10 OBSERVATIONS STARTING AT OBS 1
```

```
_OLS LnVt LnTCR(EF1) T/ANOVA GF PCOV LIST RSTAT
```

```
REQUIRED MEMORY IS PAR= 1 CURRENT PAR= 390
OLS ESTIMATION
10 OBSERVATIONS DEPENDENT VARIABLE = LnVt
...NOTE...SAMPLE RANGE SET TO: 1, 10
```

```
R-SQUARE = .7284 R-SQUARE ADJUSTED = .6509
```

ANALYSIS OF VARIANCE - FROM MEAN				
	SS	DF	MS	F
REGRESSION	.97204E-01	2.	.48602E-01	9.389
ERROR	.36236E-01	7.	.51766E-02	P-VALUE
TOTAL	.13344	9.	.14827E-01	.010

VARIABLE NAME	ESTIMATED COEFFICIENT	STANDARD ERROR	T-RATIO	P-VALUE	PARTIAL CORR.	STANDARDIZED COEFFICIENT	ELASTICITY AT MEANS
X1	.36711	.1327	2.766	.028	.723	1.8200	.0587
X2	.96263E-01	.2646E-01	3.637	.008	.809	2.3936	.0277
CONSTANT	17.472	.5471	31.93	.000	.997	.0000	.9136

OBS. NO.	OBSERVED VALUE	PREDICTED VALUE	CALCULATED RESIDUAL		
1	19.050	19.025	.24752E-01		I *
2	18.990	19.088	-.98472E-01	*	I
3	19.110	19.082	.28054E-01		I *
4	19.210	19.116	.94199E-01		I *
5	18.980	19.043	-.63196E-01	*	I
6	18.990	19.004	-.13630E-01		*I
7	19.150	19.100	.50106E-01		I *
8	19.260	19.207	.52830E-01		I *
9	19.170	19.252	-.82038E-01	*	I
10	19.330	19.323	.73957E-02		I*

G.2 - Regressão estimada para verificar a relação entre o logaritmo natural do valor total das exportações do Ceará, o logaritmo natural da taxa de câmbio real efetiva 2 e a tendência.

```
FILE INPUT C:\SHAZAM\BLOCO\RTEF2T.TXT
UNIT 5 IS NOW ASSIGNED TO: C:\SHAZAM\BLOCO\RTEF2T.TXT
_SAMPLE 1 9
_READ LnVt LnTCR(EF2) T
3 VARIABLES AND 9 OBSERVATIONS STARTING AT OBS 1
```

```
_OLS LnVt LnTCR(EF2) T/ANOVA GF PCOV LIST RSTAT
```

REQUIRED MEMORY IS PAR= 1 CURRENT PAR= 390
 OLS ESTIMATION
 9 OBSERVATIONS DEPENDENT VARIABLE = LnVt
 ...NOTE...SAMPLE RANGE SET TO: 1, 9
 R-SQUARE = .5669 R-SQUARE ADJUSTED = .4226

ANALYSIS OF VARIANCE - FROM MEAN				
	SS	DF	MS	F
REGRESSION	.48921E-01	2.	.24460E-01	3.927
ERROR	.37368E-01	6.	.62281E-02	P-VALUE
TOTAL	.86289E-01	8.	.10786E-01	.081

VARIABLE NAME	ESTIMATED COEFFICIENT	STANDARD ERROR	T-RATIO 6 DF	P-VALUE	CORR. COEFFICIENT	PARTIAL STANDARDIZED COEFFICIENT	ELASTICITY AT MEANS
X1	.33281	.1602	2.077	.083	.647	1.8795	.0551
X2	.87226E-01	.3431E-01	2.542	.044	.720	2.3001	.0228
CONSTANT	17.613	.6727	26.18	.000	.996	.0000	.9221

OBS. NO.	OBSERVED VALUE	PREDICTED VALUE	CALCULATED RESIDUAL	
1	19.050	19.028	.21932E-01	I*
2	18.990	19.085	-.95342E-01	* I
3	19.110	19.086	.23963E-01	I *
4	19.210	19.110	.99970E-01	I *
5	18.980	19.044	-.64164E-01	* I
6	18.990	19.008	-.18251E-01	* I
7	19.150	19.102	.47867E-01	I *
8	19.260	19.196	.63985E-01	I *
9	19.170	19.250	-.79960E-01	* I

G.3 - Regressão estimada para verificar a relação entre o logaritmo natural do valor total das exportações do Ceará, o logaritmo natural da taxa de câmbio real efetiva 3 e a tendência.

FILE INPUT C:\SHAZAM\BLOCO\RTEF3T.TXT
 UNIT 5 IS NOW ASSIGNED TO: C:\SHAZAM\BLOCO\RTEF3T.TXT
 _SAMPLE 1 9
 _READ LnVt LnTCR(EF3) T
 3 VARIABLES AND 9 OBSERVATIONS STARTING AT OBS 1

_OLS LnVt LnTCR(EF3) T/ANOVA GF PCOV LIST RSTAT

R-SQUARE = .7229 R-SQUARE ADJUSTED = .6306

ANALYSIS OF VARIANCE - FROM MEAN				
	SS	DF	MS	F
REGRESSION	.92070E-01	2.	.46035E-01	7.828
ERROR	.35285E-01	6.	.58809E-02	P-VALUE
TOTAL	.12736	8.	.15919E-01	.021

VARIABLE NAME	ESTIMATED COEFFICIENT	STANDARD ERROR	T-RATIO 6 DF	P-VALUE	CORR. COEFFICIENT	PARTIAL STANDARDIZED COEFFICIENT	ELASTICITY AT MEANS
X1	.35993	.1426	2.524	.045	.718	1.5486	.0556
X2	.96993E-01	.2827E-01	3.432	.014	.814	2.1053	.0253
CONSTANT	17.583	.5569	31.57	.000	.997	.0000	.9190

OBS. NO.	OBSERVED VALUE	PREDICTED VALUE	CALCULATED RESIDUAL
1	18.990	19.076	-.86182E-01
2	19.110	19.072	.37604E-01
3	19.210	19.108	.10180
4	18.980	19.040	-.59628E-01
5	18.990	19.003	-.13449E-01
6	19.150	19.100	.49558E-01
7	19.260	19.208	.51768E-01
8	19.170	19.255	-.84836E-01
9	19.330	19.327	.33662E-02

```

*      I
      I *
      I      *
*      I
* I      *
      I *
*      I
      *

```

G.4 - Regressão estimada para verificar a relação entre o logaritmo natural do valor total das exportações do Ceará, o logaritmo natural da taxa de câmbio real efetiva 4 e a tendência.

```

FILE INPUT C:\SHAZAM\BLOCO\RTEF4T.TXT
UNIT 5 IS NOW ASSIGNED TO: C:\SHAZAM\BLOCO\RTEF4T.TXT
_SAMPLE 1 8
_READ LnVt LnTCR(EF4) T
 3 VARIABLES AND          8 OBSERVATIONS STARTING AT OBS      1

```

```
_OLS LnVt LnTCR(EF4) T/ANOVA GF PCOV LIST RSTAT
```

```
REQUIRED MEMORY IS PAR= 1 CURRENT PAR= 390
OLS ESTIMATION
```

```
8 OBSERVATIONS      DEPENDENT VARIABLE = LnVt
...NOTE...SAMPLE RANGE SET TO: 1, 8
```

```
R-SQUARE = .7228      R-SQUARE ADJUSTED = .6119
```

```
ANALYSIS OF VARIANCE - FROM MEAN
```

	SS	DF	MS	F
REGRESSION	.58507E-01	2.	.29253E-01	6.517
ERROR	.22443E-01	5.	.44886E-02	P-VALUE
TOTAL	.80950E-01	7.	.11564E-01	.040

VARIABLE NAME	ESTIMATED COEFFICIENT	STANDARD ERROR	T-RATIO	P-VALUE	PARTIAL CORR.	STANDARDIZED COEFFICIENT	ELASTICITY AT MEANS
X1	.49963	.1639	3.048	.028	.806	2.6894	.0847
X2	.13379	.3873E-01	3.454	.018	.839	3.0474	.0315
CONSTANT	16.874	.7004	24.09	.000	.996	.0000	.8838

OBS. NO.	OBSERVED VALUE	PREDICTED VALUE	CALCULATED RESIDUAL
1	19.050	19.001	.49151E-01
2	18.990	19.090	-.99668E-01
3	19.110	19.094	.16451E-01
4	19.210	19.132	.77596E-01
5	18.980	19.036	-.56358E-01
6	18.990	18.985	.47206E-02
7	19.150	19.129	.20943E-01
8	19.260	19.273	-.12836E-01

```

*      I      *
      I
      I *
      I      *
*      I
*      I *
* I

```

G.5 - Regressão estimada para verificar a relação entre o logaritmo natural do valor total das exportações do Ceará, o logaritmo natural da taxa de câmbio real efetiva 5 e a tendência.

FILE INPUT C:\SHAZAM\BLOCO\RTEF5T.TXT
 UNIT 5 IS NOW ASSIGNED TO: C:\SHAZAM\BLOCO\RTEF5T.TXT
 _SAMPLE 1 7
 _READ LnVt LnTCR(EF5) T
 3 VARIABLES AND 7 OBSERVATIONS STARTING AT OBS 1

_OLS LnVt LnTCR(EF5) T/ANOVA GF PCOV LIST RSTAT

REQUIRED MEMORY IS PAR= 1 CURRENT PAR= 390
 OLS ESTIMATION
 7 OBSERVATIONS DEPENDENT VARIABLE = LnVt
 ...NOTE...SAMPLE RANGE SET TO: 1, 7

R-SQUARE = .0946 R-SQUARE ADJUSTED = -.3582

ANALYSIS OF VARIANCE - FROM MEAN				
	SS	DF	MS	F
REGRESSION	.46222E-02	2.	.23111E-02	.209
ERROR	.44264E-01	4.	.11066E-01	P-VALUE
TOTAL	.48886E-01	6.	.81476E-02	.820

VARIABLE NAME	ESTIMATED COEFFICIENT	STANDARD ERROR	T-RATIO 4 DF	PARTIAL STANDARDIZED		ELASTICITY AT MEANS
				P-VALUE	CORR. COEFFICIENT	
X1	.14802	.2599	.5696	.599	.274	.8719
X2	.40697E-01	.6396E-01	.6363	.559	.303	.9740
CONSTANT	18.443	1.060	17.40	.000	.993	.0000

OBS. NO.	OBSERVED VALUE	PREDICTED VALUE	CALCULATED RESIDUAL
1	19.050	19.061	-.10666E-01
2	18.990	19.063	-.72878E-01
3	19.110	19.075	.34548E-01
4	19.210	19.048	.16194
5	18.980	19.034	-.53990E-01
6	18.990	19.078	-.87648E-01
7	19.150	19.121	.28694E-01

*I
 * I
 I *
 I
 * I
 * I
 I*

ANEXOS

ANEXO A

TABELA A.1 - Medidas para estimular o crescimento econômico - Décadas de 70 e 80

PERÍODO	DOCUMENTO	MEDIDA
1970	Portaria nº 13, de 14/01/70	Prorrogação do prazo de recolhimento do IPI sobre as matérias-primas e manufaturas do setor têxtil, para 75 dias após ocorrência do fato gerador;
	Decreto-Lei nº 1.117, de 10/08/70	Isenção de IPI para tratores, máquinas e implementos agrícolas produzidos no país até 31/12/74, que já gozavam de isenção de ICM;
1971	Decreto n. 1.197, de 23/12/71	Prorrogação até 31/12/74 da isenção do imposto de renda para empreendimentos novos, agrícolas ou industriais, que atuarem na área da SUDENE
1974	Decreto nº 74.614, de 25/09/74	Redução de out/74 a fev/75 das alíquotas incidentes sobre têxteis (de 90 a 20%);
1987 a 1988	Decreto-Lei nº 94075, de 05/03/87	Prorrogação da isenção de IR, pelo prazo de dez (10) anos, dos projetos industriais ou agrícolas que se instalarem até 31/12/88 nas áreas de atuação da SUDENE e SUDAM;

FONTE: MENEZES,1992.

TABELA A.2 - Medidas incidentes sobre as transações comerciais no mercado internacional - Décadas de 70 e 80.

PERÍODO	DOCUMENTO	MEDIDA
1971 a 1979	Decreto-Lei nº 1.189, de 24/09/71 e nº 1.509, de 27/12/76	Isenção dos impostos sobre importações e de produtos industrializados na importação de bens em valor não superior a 10% do incremento das exportações em relação ao ano anterior. O segundo decreto prorrogou o prazo do benefício até 1979;
1972	Decreto-Lei nº 1.236, de 28/08/72 Decreto-Lei nº 71.278, de 31/10/72	Isenção de Imposto sobre Importação de "conjuntos industriais completos" que se destinem à produção de bens para exportação; Criação da Comissão para Concessão de Benefícios Fiscais e Programas Especiais de Exportação (BEFIEEX);
1973	Decreto n. 1.269, de 18/04/73	Isenção de pagamento do imposto sobre operações financeiras (IOF) efetuadas em entrepostos aduaneiros referentes às mercadorias depositadas, tais como: seguro de crédito à exportação e o de transporte internacional de mercadorias,
1977	Decreto-Lei nº 1.492, de 06/12/76	Utilização a partir de 01.01.77 de até 50% do valor dos créditos do ICM, concedidos a título de estímulo fiscal às exportações de manufaturados, como dedução do IPI;
1975 a 1980	Decreto-Lei nº 1.423, de 23/10/75	Prorrogação até 1980 do abatimento do IR sobre o lucro tributável das empresas exportadoras, do valor correspondente à exportação de manufaturados;
1978	Portaria nº 40, de 06/11/78	Instituição de Imposto sobre exportações de matérias têxteis, artefatos de couro, borracha, plástico e outros;
1979	Decreto-Lei nº 1.658, de 24/01/79 Resolução nº 592, de 07/12/79	Redução gradual dos créditos à exportação destinados ao ressarcimento de tributos pagos internamente; Estabelecimento de imposto sobre exportação para uma vasta gama de produtos primários, fixado em 20% para o café e 30% para os demais produtos;
	Decreto-Lei nº 1.726, de 07/12/79	Supressão das isenções e reduções de IPI e Imposto sobre Importação, que beneficiavam a importação de máquinas, equipamentos, aparelhos, instrumentos, ferramentas, veículos, aviões, navios e similares bem como as partes, peças e componentes destes bens;
1980 a 03/81	Decreto-Lei nº 1724, de 07/12/79	Suspensão dos créditos-prêmios do IPI e ICM, autorizando as empresas a se creditarem dos valores correspondentes a estes tributos incidentes sobre a compra de equipamentos, máquinas e insumos destinados à produção de bens para exportação;
12/03/80 a 31/03/81	Decreto-Lei nº 1.775, de 12/03/80	Elevação de 12/03/80 a 31/03/81 das alíquotas "ad-valorem" do imposto de importação sobre produtos químicos, máquinas e motores;
04/81 a 10/84	Portaria nº 78, de 01/04/81	Reestabelecimento do crédito-prêmio à exportação, correspondente a 15% sobre o valor FOB para todos os produtos.
11/84 a 30/04/85	Portaria nº 176, de 12/09/84 (MINFAZ)	Redução gradual do crédito-prêmio à exportação, a partir de nov/84, com sua extinção a partir de 30/04/85;
1990	Lei nº 7.988, de 28/12/89	Elevação de 6% para 18% da alíquota do imposto aplicável sobre o lucro decorrente das exportações incentivadas, a partir de 1990.

FONTE: MENEZES, 1992.

TABELA B.1 - Ceará: Exportações totais e produto interno bruto - 1970 a 1994

Ano	Exportações (1)	Produto Interno Bruto (2)
1970	56.871.000,00	2,831
1971	48.866.000,00	4,358
1972	68.496.000,00	5,465
1973	83.866.000,00	8,303
1974	102.885.000,00	10,416
1975	75.873.000,00	14,204
1976	89.230.000,00	24,551
1977	104.257.000,00	37,720
1978	143.711.000,00	57,401
1979	176.352.000,00	101,197
1980	156.223.683,00	213,328
1981	173.099.000,00	419,180
1982	155.729.956,00	930,752
1983	165.625.821,00	2.078,802
1984	203.040.948,00	8.297,467
1985	216.093.658,00	28.180,560
1986	197.936.000,00	73.229,139
1987	229.403.000,00	236.326,158
1988	261.942.100,00	1.921.245,352
1989	219.595.370,00	30.999.705,224
1990	230.569.360,00	738.326.495,256
1991	270.418.734,00	3.938.519.285,777
1992	303.691.509,00	42.581.088.533,432
1993	295.578.794,00	887.794.584.970,087
1994	334.860.983,00	26.721.843.886.683,500

FONTE: (1) 1970/79: SANTOS (1983).

1980/94: F. IPLANCE, tabulação especial.

Valores em US\$ 1,00.

(2) SUDENE, jun/95. Valores correntes em CR\$1,00.

TABELA B.2 - Ceará: Produto interno bruto total e setorial - 1970 a 1992

(Valores em CR\$ 1,00)

Ano	Agropecuário	Industrial	Serviços	Total
1970	0,435	0,696	1,473	2,604
1971	1,281	0,848	1,959	4,088
1972	1,346	1,049	2,690	5,085
1973	2,494	1,558	3,718	7,770
1974	2,509	2,062	5,104	9,675
1975	2,895	3,249	7,166	13,310
1976	5,755	5,078	12,436	23,269
1977	7,577	8,909	19,455	35,941
1978	10,263	13,846	30,617	54,726
1979	18,393	23,126	55,639	97,158
1980	30,781	52,144	121,676	204,601
1981	50,909	100,087	250,268	401,264
1982	115,554	220,955	556,075	892,584
1983	153,678	561,197	1.280,364	1.995,239
1984	1.208,858	1.974,898	4.843,881	8.027,637
1985	3.631,606	6.802,108	16.751,449	27.185,163
1986	8.064,240	15.372,702	46.478,520	69.915,462
1987	23.286,411	63.820,733	139.638,318	226.745,462
1988	214.522,437	521.766,329	1.119.758,082	1.856.046,848
1989	3.380.824,040	8.655.328,250	17.751.819,178	29.787.971,468
1990	66.799.238,242	203.685.559,384	419.091.588,679	689.576.386,305
1991	430.001.780,203	978.626.540,316	2.295.774.673,249	3.704.402.993,768
1992	2.754.251.395,394	11.517.326.962,324	25.925.642.971,074	40.197.221.328,792

FONTE: SUDENE. DPG.1994

ANEXO C

TABELA C.1 - Ceará: Valor das exportações para o mercado internacional dos principais produtos da indústria de pesca - 1970 a 1994

Ano	(Valores em US\$)		
	Lagosta	Peixe	Camarão
1970	7.249.000,00	186.000,00	-
1971	8.739.000,00	135.000,00	-
1972	12.105.000,00	462.000,00	-
1973	15.435.000,00	1.003.000,00	-
1974	20.312.000,00	1.259.000,00	-
1975	15.559.000,00	2.804.000,00	-
1976	20.000.000,00	4.499.000,00	-
1977	23.628.000,00	5.691.000,00	-
1978	32.478.000,00	7.095.000,00	-
1979	42.839.000,00	5.055.000,00	-
1980	31.315.026,00	7.597.505,00	5.801.788,00
1981	40.362.406,00	7.934.918,00	6.055.372,00
1982	43.651.333,00	-	6.655.917,00
1983	21.580.737,00	3.194.469,00	4.460.091,00
1984	38.656.419,00	4.297.892,00	7.790.889,00
1985	31.358.354,00	4.094.126,00	9.930.621,00
1986	22.264.000,00	6.121.000,00	8.896.000,00
1987	42.833.000,00	4.516.000,00	9.832.000,00
1988	40.397.849,00	1.562.033,00	10.849.539,00
1989	23.013.857,00	1.998.258,00	5.360.042,00
1990	39.196.391,00	1.505.987,00	5.242.819,00
1991	46.406.146,00	1.525.111,00	5.871.870,00
1992	38.272.664,00	1.077.563,00	5.533.981,00
1993	43.186.563,00	1.681.429,00	3.454.762,00
1994	45.719.232,00	399.542,00	6.113.683,00

FONTE: 1970/79: SANTOS (1983).

1980/94: F. IPLANCE, tabulação especial.

TABELA C.2 - Ceará: Valor das exportações para o mercado internacional dos principais produtos da indústria processadora de castanha de caju - 1970 a 1994

Ano	(Valores em US\$)	
	Amêndoa da castanha de caju	Líquido da castanha de caju
1970	6.804.000,00	566.000,00
1971	4.738.000,00	691.000,00
1972	8.208.000,00	884.000,00
1973	9.571.000,00	692.000,00
1974	12.472.000,00	2.254.000,00
1975	16.546.000,00	2.125.000,00
1976	16.390.000,00	1.921.000,00
1977	21.774.000,00	2.824.000,00
1978	31.514.000,00	10.059.000,00
1979	37.106.000,00	15.176.000,00
1980	62.142.799,00	7.222.214,00
1981	71.605.610,00	3.895.108,00
1982	55.801.262,00	-
1983	62.758.617,00	2.789.922,00
1984	62.371.448,00	5.894.434,00
1985	95.529.475,00	5.342.552,00
1986	103.984.000,00	5.919.000,00
1987	83.140.000,00	6.538.000,00
1988	100.443.114,00	7.365.691,00
1989	92.732.240,00	5.760.532,00
1990	82.747.929,00	7.501.093,00
1991	92.065.805,00	4.531.491,00
1992	125.652.631,00	4.701.629,00
1993	103.190.979,00	2.786.446,00
1994	93.055.855,00	2.347.154,00

FONTE: 1970/79: SANTOS (1983).

1980/94: F. IPLANCE, tabulação especial.

TABELA C.3 - Ceará: Valor das exportações para o mercado internacional dos principais produtos da indústria têxtil - 1970 a 1994

(Valores em US\$)

Ano	Algodão em Pluma	Fios de algodão	Tecidos de Algodão
1970	16.783.000,00	-	-
1971	10.932.000,00	-	-
1972	15.193.000,00	-	-
1973	15.893.000,00	-	-
1974	6.521.000,00	336.000,00	-
1975	-	1.087.000,00	-
1976	-	3.317.000,00	-
1977	-	3.025.000,00	-
1978	455.000,00	3.463.000,00	-
1979	-	5.060.000,00	-
1980	-	7.634.763,00	5.234.021,00
1981	-	7.943.369,00	4.535.004,00
1982	-	9.602.639,00	7.083.932,00
1983	-	21.427.773,00	5.755.324,00
1984	-	23.337.220,00	8.036.363,00
1985	-	13.522.960,00	5.308.521,00
1986	-	8.454.000,00	4.263.000,00
1987	-	27.890.000,00	5.604.000,00
1988	-	31.946.758,00	6.315.461,00
1989	-	25.963.753,00	5.288.106,00
1990	-	33.072.802,00	7.163.563,00
1991	-	46.540.494,00	6.906.538,00
1992	-	48.380.617,00	14.210.311,00
1993	-	16.599.933,00	29.195.891,00
1994	-	24.610.868,00	34.190.897,00

FONTE: 1970/79: SANTOS (1983).

1980/94: F. IPLANCE, tabulação especial.

TABELA C.4 - Ceará: Valor das exportações para o mercado internacional dos principais produtos da indústria de couros - 1970 a 1994

Ano	(Valores em US\$)	
	Peles de caprinos e ovinos	Couros de bovinos
1970	3.331.000,00	-
1971	3.113.000,00	-
1972	4.685.000,00	-
1973	-	-
1974	-	-
1975	-	-
1976	-	-
1977	-	-
1978	-	-
1979	-	-
1980	-	-
1981	-	-
1982	3.928.329,00	9.537.603,00
1983	3.207.298,00	8.007.594,00
1984	3.593.050,00	5.967.641,00
1985	2.010.763,00	4.953.458,00
1986	939.000,00	2.895.000,00
1987	3.083.000,00	4.063.000,00
1988	3.977.465,00	16.797.819,00
1989	1.903.222,00	13.449.031,00
1990	1.755.719,00	14.804.417,00
1991	1.653.637,00	7.981.839,00
1992	2.726.203,00	5.657.760,00
1993	2.952.993,00	4.109.836,00
1994	2.135.854,00	8.282.235,00

FONTE: 1970/79: SANTOS (1983).

1980/94: F. IPLANCE, tabulação especial.

TABELA C.5 - Ceará: Valor das exportações para o mercado internacional dos principais produtos da indústria de óleos vegetais - 1970 a 1994

Ano	(Valores em US\$)		
	Óleo de oiticica	Óleo de mamona	Óleo de babaçu
1970	1.953.000,00	1.826.000,00	2.169.000,00
1971	1.537.000,00	2.704.000,00	537.000,00
1972	447.000,00	3.963.000,00	335.000,00
1973	2.249.000,00	6.750.000,00	937.000,00
1974	3.317.000,00	4.538.000,00	8.521.000,00
1975	3.385.000,00	3.587.000,00	274.000,00
1976	131.000,00	8.025.000,00	221.000,00
1977	1.955.000,00	8.767.000,00	676.000,00
1978	8.019.000,00	7.029.000,00	761.000,00
1979	207.000,00	9.013.000,00	773.000,00

FONTE: 1970/79: SANTOS (1983).

1980/94: F. IPLANCE, tabulação especial.

TABELA C.6 - Ceará: Valor das exportações para o mercado internacional da indústria de cera de carnaúba e de outros produtos - 1970 a 1994

Ano	(Valores em US\$)	
	Cera de carnaúba	Outros
1970	8.299.000,00	7.705.000,00
1971	9.788.000,00	5.952.000,00
1972	10.984.000,00	11.130.000,00
1973	12.928.000,00	18.408.000,00
1974	21.307.000,00	22.048.000,00
1975	11.526.000,00	18.940.000,00
1976	14.978.000,00	19.748.000,00
1977	12.918.000,00	22.999.000,00
1978	16.149.000,00	26.689.000,00
1979	17.750.000,00	43.373.000,00
1980	14.519.341,00	14.756.226,00
1981	15.088.472,00	15.678.741,00
1982	13.094.418,00	6.374.523,00
1983	10.210.542,00	22.233.454,00
1984	8.318.185,00	34.777.407,00
1985	9.990.650,00	34.052.178,00
1986	13.071.000,00	21.130.000,00
1987	15.436.000,00	26.468.000,00
1988	17.633.982,00	24.652.389,00
1989	14.793.037,00	29.333.292,00
1990	14.927.844,00	22.650.796,00
1991	21.103.548,00	35.832.255,00
1992	19.967.268,00	37.510.882,00
1993	23.914.508,00	64.505.454,00
1994	19.562.388,00	98.443.275,00

FONTE: 1970/79: SANTOS (1983).

1980/94: F. IPLANCE, tabulação especial.

TABELA D.1 - Ceará: Valor das exportações segundo os principais parceiros no mercado internacional - 1985 a 1993

(Valores em US\$)

Ano	Alemanha	Argentina	Canadá	Chile	Estados Unidos	Japão
1985	8.722.000,00	1.073.000,00	7.988.000,00	361.000,00	142.319.000,00	2.106.000,00
1986	6.925.000,00	1.691.000,00	10.471.000,00	292.000,00	138.784.000,00	2.618.000,00
1987	10.443.000,00	1.616.000,00	12.262.000,00	356.000,00	147.889.000,00	1.909.000,00
1988	5.986.247,00	1.627.593,00	9.776.449,00	1.942.618,00	165.919.091,00	3.848.478,00
1989	5.862.611,00	1.180.765,00	12.900.558,00	2.575.544,00	126.749.922,00	4.952.376,00
1990	5.988.732,00	1.337.273,00	8.546.686,00	355.371,00	126.624.960,00	7.800.813,00
1991	12.154.767,00	5.761.627,00	13.058.395,00	5.614.507,00	132.622.106,00	13.150.769,00
1992	7.954.894,00	9.089.474,00	12.984.536,00	8.401.122,00	162.314.776,00	10.441.518,00
1993	21.126.155,00	17.542.275,00	11.389.699,00	8.605.556,00	152.727.044,00	11.356.247,00

(continua)

TABELA D.2 - (continuação)

(Valores em US\$)

Ano	México	Itália	Paraguai	Portugal	Total
1985	820.000,00	4.468.000,00	830.000,00	4.000.000,00	216.094.000,00
1986	593.000,00	3.263.000,00	1.163.000,00	2.280.000,00	197.935.000,00
1987	925.000,00	8.232.000,00	1.281.000,00	9.896.000,00	229.403.000,00
1988	961.853,00	9.552.185,00	1.142.356,00	20.652.500,00	261.942.100,00
1989	954.057,00	5.971.626,00	1.913.531,00	23.740.285,00	219.595.370,00
1990	1.622.712,00	7.209.498,00	2.965.916,00	32.739.674,00	230.251.360,00
1991	2.315.193,00	6.545.722,00	3.350.358,00	33.667.743,00	270.418.734,00
1992	2.989.242,00	7.882.454,00	2.110.678,00	32.380.245,00	303.691.509,00
1993	4.636.360,00	6.757.424,00	8.656.010,00	9.386.979,00	295.578.794,00

FONTE: IPLANCE - Anuário Estatístico do Ceará, 1985 - 1994.

TABELA E

Índice de preços de atacado - 1990=100

Item	1990=100	1990=100 (2)
1000	41,5	
1001	40,5	
1002	44,5	
1003	50,5	
1004	52,5	
1005	61,5	
1006	65,5	
1007	72,5	
1008	77,5	
1009	78,5	
1010	79,5	
1011	109,5	
1012	112,73	
1013	115,41	
1014	114,86	
1015		117,70
1016		117,70
1017		117,70
1018		117,70
1019		117,70
1020		117,70
1021		117,70
1022		117,70
1023		117,70
1024		117,70
1025		117,70
1026		117,70
1027		117,70
1028		117,70
1029		117,70
1030		117,70
1031		117,70
1032		117,70
1033		117,70
1034		117,70
1035		117,70
1036		117,70
1037		117,70
1038		117,70
1039		117,70
1040		117,70
1041		117,70
1042		117,70
1043		117,70
1044		117,70
1045		117,70
1046		117,70
1047		117,70
1048		117,70
1049		117,70
1050		117,70
1051		117,70
1052		117,70
1053		117,70
1054		117,70
1055		117,70
1056		117,70
1057		117,70
1058		117,70
1059		117,70
1060		117,70
1061		117,70
1062		117,70
1063		117,70
1064		117,70
1065		117,70
1066		117,70
1067		117,70
1068		117,70
1069		117,70
1070		117,70
1071		117,70
1072		117,70
1073		117,70
1074		117,70
1075		117,70
1076		117,70
1077		117,70
1078		117,70
1079		117,70
1080		117,70
1081		117,70
1082		117,70
1083		117,70
1084		117,70
1085		117,70
1086		117,70
1087		117,70
1088		117,70
1089		117,70
1090		117,70
1091		117,70
1092		117,70
1093		117,70
1094		117,70
1095		117,70
1096		117,70
1097		117,70
1098		117,70
1099		117,70
1100		117,70

ANEXO E

Fonte: IBGE - Anuário Estatístico Brasileiro, 1987
 e - Suplemento Estatístico, março

TABELA E.1 - Estados Unidos: Índice de preços ao atacado - 1970 a 1994

Ano	1980 =100 (1)	1990 =100 (2)
1970	41,05	
1971	42,42	
1972	44,29	
1973	50,11	
1974	59,54	
1975	65,04	
1976	68,07	
1977	72,24	
1978	77,86	
1979	87,62	
1980	100,00	
1981	109,13	
1982	111,33	
1983	112,73	
1984	115,41	
1985	114,86	
1986	111,52	86,20
1987		88,40
1988		92,00
1989		96,60
1990		100,00
1991		100,20
1992		100,80
1993		102,30
1994		103,60

FONTE: (1) International Financial Statistics, 1987.

(2) BACEN, Suplemento Estatístico, mar/95.

TABELA E.2 - Alemanha: Índice de preços ao atacado - 1985 a 1993

Ano	1980=100 (1)	1990=100 (2)
1985	121,85	
1986	118,25	96,50
1987		94,10
1988		95,30
1989		98,30
1990		100,00
1991		102,40
1992		103,80
1993		103,70

FONTE: (1) International Financial Statistics, 1987.
(2) BACEN - Suplemento Estatístico, mar/95.

TABELA E.3 - Argentina: Índice de preços ao atacado - 1985 a 1994

Ano	1980 =100	1985 =100	1990 =100
1985	176.798,00		
1986	289.708,00	164,00	
1987		365,00	
1988		1.872,00	
1989		66.127,00	5.858,00
1990			100,00
1991			210,00
1992			223,00
1993			227,00
1994			228,00

FONTE: International Financial Statistics, 1987, jan/91, jun/95.

TABELA E.4 - Canadá: Índice de preços ao atacado - 1985 a 1994

Ano	1980 =100	1985 =100	1990 =100
1985	129,10		
1986	131,70	100,80	
1987		103,50	
1988		107,50	
1989		110,40	
1990		110,60	100,00
1991			99,00
1992			99,50
1993			102,70
1994			108,50

FONTE: International Financial Statistics, 1987, 1991, jun/95.

TABELA E.5 - Chile: Índice de preços ao atacado - 1985 a 1994

Ano	1980 =100	1985 =100	1990 =100
1985	303,30		
1986	363,30	119,80	
1987		142,80	
1988		151,30	
1989		174,20	
1990		212,10	100,00
1991			122,00
1992			136,00
1993			147,00
1994			159,00

FONTE: International Financial Statistics, 1987, 1991, jun/95.

TABELA E.6 - Itália: Índice de preços ao atacado - 1985 a 1992

Ano	1980 =100	1985 =100	1990 =100
1985	173,83		
1986	172,26	99,10	
1987		101,70	
1988		106,50	
1989		113,30	93,10
1990			100,00
1991			105,20
1992			107,40

FONTE: International Financial Statistics, 1987, 1991, jun/95.

TABELA E.7 - Japão: Índice de preços ao atacado - 1985 a 1994

Ano	1980 =100 (1)	1990 =100 (2)
1985	99,55	
1986	90,19	100,20
1987		96,50
1988		95,50
1989		98,00
1990		100,00
1991		100,20
1992		98,70
1993		95,00
1994		93,00

FONTE: (1) International Financial Statistics, 1987.
(2) BACEN - Suplemento Estatístico, mar/95.

TABELA E.8 - México: Índice de preços ao atacado - 1985 a 1994

Ano	1980 =100	1985 =100	1990 =100
1985	1.053,40		
1986	1.932,40	188,40	
1987		443,90	
1988		922,50	
1989		1.070,80	
1990		1.320,80	100,00
1991			120,50
1992			136,70
1993			148,80
1994			158,90

FONTE: International Financial Statistics, 1987, 1991, jun/95.

TABELA E.9 - Paraguai: Índice de preços ao atacado - 1985 a 1991

Ano	1985 =100
1985	100,00
1986	145,10
1987	162,40
1988	206,30
1989	251,50
1990	390,10
1991	513,90

FONTE: International Financial Statistics, abr/92.

TABELA E.10 - Estados Unidos: Índice de preços ao consumidor -
1970 a 1994

Ano	1980 =100	1985 =100	1990 =100
1970	47,12		
1971	49,15		
1972	50,77		
1973	53,93		
1974	59,85		
1975	65,32		
1976	69,08		
1977	73,58		
1978	79,17		
1979	88,13		
1980	100,00		
1981	110,35		
1982	117,15		
1983	120,91		
1984	126,07		
1985	130,55		
1986	133,06	101,90	
1987		105,70	
1988		109,90	
1989		115,20	
1990		121,40	100,00
1991			104,20
1992			107,40
1993			110,60
1994			113,40

FONTE: International Financial Statistics, 1987, 1991, jun/95.

TABELA E.11 - Índice de preços ao consumidor de Fortaleza - IPC Geral - 1985 a 1994

Ano	dez/71=100(1)	jun/92=100(2)
1985	176.823,67	
1986	445.336,78	
1987	1.631.786,70	
1988	13.043.717,68	
1989	214.721.053,85	
1990	7.224.879.618,45	
1991	39.981.052.330,37	12,79
1992		150,67
1993		3.306,62
1994		8.144,24

FONTE: (1) F. IPLANCE: tabulação especial.

(2) FGV/Conjuntura Econômica, dez/93 e fev/96.

TABELA

de câmbio nom.

ANEXO F

TABELA F.1 - Brasil: Médias anuais da taxa de câmbio nominal
- 1970 a 1994

Ano	Valor
1970	4,59
1971	5,29
1972	5,93
1973	6,13
1974	6,79
1975	8,13
1976	10,67
1977	14,14
1978	18,08
1979	26,82
1980	52,81
1981	93,35
1982	180,37
1983	580,20
1984	1.842,61
1985	6.222,28
1986	13,66
1987	39,52
1988	265,57
1989	2,83
1990	68,06
1991	409,25
1992	4.551,28
1993	0,03
1994	0,06

FONTE: 1970/92: BACEN- Suplemento Estatístico, mar/95.

1993/94: SUDENE, jun/95.

A partir do dia 1 de março de 1986, a moeda nacional corrente passou a denominar-se Cruzado (Cz\$), perdendo três zeros. Após o dia 15 de janeiro de 1989, a moeda nacional corrente passou a denominar-se Cruzado Novo (NCz\$), perdendo três zeros. A partir de 15 de março de 1990, a moeda voltou a ser denominada de Cruzeiro (Cr\$), sem alteração de valor. A partir de julho de 1993, a moeda corrente passou a chamar-se Cruzeiro Real (CR\$), perdendo três zeros. Em julho de 1994, a moeda passou a denominar-se Real (R\$), com cada unidade monetária equivalendo a CR\$ 2.750,00.

